

POLITIKA

Rio, de 29 de maio a 4 de junho de 1972

Nº 32 - Cr\$ 2,00



CEMAP - HEMERIDICA
CLASS.

A outra face de Jânio



A miséria num país sem empregos



O Brasil esqueceu seus mártires



A americana que quer reviver o patriarcado

De Mussolini a Getúlio, a vida de um líder

O regime, que todos querem irreversível, só poderá ir bem das pernas pelo que faz de certo, e nunca, mas nunca mesmo, pelos erros que oculta

A DOCTRINA MÉDICI

1

Um sociólogo da maior seriedade — o professor Fernando Henrique Cardoso — acaba de suscitar um problema (o da tendência de toda grande burocracia ao mistério, a não responsabilidade e à perversão autoritária) que nos introduz no cerne mesmo das dificuldades do regime com a classe política e com a opinião pública.

2

É preciso diz o sociólogo, denunciar a impostura tecnocrática da "única solução possível". Porque a única solução possível, para os técnicos que estão no poder, é a solução por eles adotada. Uma estrutura forte de poder, que não pode nem deve ser contestada, é acionada para dar cobertura a essa "única solução possível", como se a mesma, sendo a única racional, fosse o fundamento do regime e a razão mesma da "Segurança" nacional.

3

O ardil dessa colocação é mais sutil do que se pensa. Em primeiro lugar porque os técnicos dispõem sempre de uma boa base teórica para justificar a sua posição. Em segundo lugar, a sua argumentação encontra sempre uma estrutura lógica convincente, que só poderia ser desmontada com a revelação da falsidade de suas premissas e a apresentação de outras alternativas.

4

Aqui, exatamente, surge o problema central. Como os meios de comunicação de massa estão, obviamente, à disposição do regime, sinceramente empenhados em servir à causa da Revolução, eles multiplicam a argumentação dos técnicos no poder, gerando uma motivação de irresistível fascínio. Há também que levar em conta os interesses imediatos desses órgãos de divulgação. O governo — e numa situação como a nossa é impossível distinguir o governo do regime — é um grande cliente, tanto pelas verbas que distribui, como pela orientação natural que sua publicidade determina na aplicação das verbas de publicidade do setor privado. Em outras palavras: a iniciativa privada é caudatária da iniciativa pública.

5

Quem pretender a falácia de alguma "única solução possível" corre o risco de ser apontado como inimigo do regime, mesmo que esteja armado de alternativas técnicas mais valiosas que as apresentadas pelos tecnocratas no poder. O verdadeiro inimigo do tecnocrata não é, como se poderia supor, a classe política, mas os técnicos em disponibilidade que sabem ler a mesma realidade, dando uma versão diferente e não raro mais verdadeira do que a dos técnicos no poder.

6

Mas onde estão estes técnicos em disponibilidade? Ou estão em instituições de ensino e de



Garrastazu Medici

pesquisas do próprio governo ou servindo a complexos empresariais também submetidos à ação e fiscalização do governo. Quer dizer: não estão em condições de enfrentar a máquina de persuasão dos técnicos no poder.

7

Tudo funciona como se a racionalidade fosse um privilégio do governo. Só uma crise interna pode expor à opinião pública o ardil de algumas das "únicas soluções possíveis", mas o próprio sistema, na defesa de sua autoridade, tende a abafar a existência dessas crises internas, por incômodas ou por politicamente negativas.

8

Lembremos alguns episódios para mostrar os perigos da adoção, pelo regime, de falsas soluções técnicas apresentadas como "única solução possível". O primeiro que nos ocorre é o do Plano Nacional da Saúde, durante o governo Costa e Silva. Milhões e milhões de cruzeiros foram esbanjados, numa campanha publicitária caríssima, para criar a ilusão de que o governo (e, portanto, o regime) dariam assistência médica e hospitalar gratuita para todos os brasileiros. O Ministério da Saúde foi totalmente reestruturado para servir aos objetivos do P.N.S., e algumas localidades escolhidas para implantação do novo sistema. Todos sabemos, hoje, que o Plano Nacional da Saúde foi uma loucura total, que redundou num fracasso completo. Mas enquanto ele durou, distribuiu gordas verbas a todos os grandes órgãos de divulgação, e apresentou-se à opinião pública como a *única solução possível*.

9

Recentemente, alguns políticos da própria Arena começaram a manifestar inquietação

pelo problema social do Nordeste. Apesar da SUDENE, a miséria se ampliava, exibia-se ostensivamente mesmo nos centros de maior desenvolvimento da região. Alguns ministros torceram o nariz e franziram a testa a essas denúncias da classe política. Mas veio a seca de 1971 e o Presidente Medici, vencendo resistências por ele próprio denunciadas, quis ver pessoalmente como andava o Nordeste. Teve, segundo suas próprias palavras, o maior choque de toda a sua vida. Da decepção e do sofrimento presidencial surgiram algumas medidas de profundidade, como grandes estradas, planos de colonização, maiores recursos para a agropecuária do Norte e do Nordeste. Mas se o Presidente lá não vai, continuaríamos, aqui no Sul, a receber a imagem colorida do "Novo Nordeste", paga por órgãos do próprio governo criados para desenvolver a região.

10

Como homem de informação, o presidente Medici tem revelado, ao longo de seu governo, uma atitude de permanente suspeita a respeito das "únicas soluções possíveis". Um homem, contudo, não pode vencer, sozinho, a conspiração de aplausos que o sistema armou em sua volta. Por mais que ele (Medici) peça à oposição que denuncie os erros do governo, por mais que ele próprio se empenhe em descobrir esses erros, a máquina da otimização do comportamento do governo é irresistível. E o MDB, positivamente, está longe de se mostrar interessado no contra-planejamento (o planejamento das soluções técnicas que se contraponham às "únicas soluções possíveis" dos tecnocratas).

11

Também não adianta o presidente Medici provocar o debate, apelar mesmo para a sua deflagração, lá em cima. Aqui em baixo, nenhum órgão de divulgação quer correr riscos (de perder a graça de um certo ministro, de perder verbas de publicidade, de perder cadeiras bem situadas em missões e banquetes).

12

O ponto de partida desse debate terá que vir do Congresso. Com profundidade, com honestidade intelectual, com firmeza de propósitos. O Código de lealdade partidária teria que ser entendido, neste particular, de outra maneira. Lealdade com o regime e com a Nação. Assim, quem, dentro da Arena, sem objetivos políticos escusos, mostrasse que o governo anda errado em alguma política, deveria merecer o aplauso e o reconhecimento do partido. Deveria ser estimulado e engrandecido por isso. Porque o regime, que se quer irreversível, só poderá caminhar pelo que acerta, e nunca pelo erro que oculta ou pelo equívoco que encobre. Nisso, como em muitas outras coisas mais, o presidente Medici é a melhor inspiração.

**Sebastião
Nery**

Seus gestos eram calculados e seu tipo físico uma arma de que se utilizava nos comícios para impressionar o público em suas orações apocalípticas

O JÂNIO QUE O PAÍS NÃO CONHECE

A PRIMEIRA vez que o vi foi em setembro de 1953, na campanha para prefeito de São Paulo. Longos cabelos negros caídos sobre a testa, olhos esbugalhados, magro, magérrimo, esqualido como um profeta bíblico, e a oratória de Apocalipse sacudindo a Vila Maria:

— Eu os punirei. Eu os punirei a todos, implacavelmente. Os que avançavam, os que estão avançando, os que ousarem avançar sobre os cofres públicos, eu os punirei a todos. Implacavelmente. Im-pla-ca-vel-men-te.

A multidão o ouvia de pernas trêmulas, com vontade de ajoelhar-se. Voltei para Minas, escrevi longa reportagem mostrando porque ele ia vencer as eleições. O jornal não publicou. Ninguém acreditava. Todas as forças políticas de São Paulo estavam unidas contra o esqualido profeta de oratória apocalíptica de Vila Maria. E ele os derrotou a todos. Implacavelmente.



A SEGUNDA vez que o vi foi em setembro de 1960, na campanha para presidente da República. Passou pelo aeroporto de Salvador, conversou com alguns jornalistas. Os mesmos olhos esbugalhados, o mesmo porte bíblico, a mesma linguagem apocalíptica:

— Esta campanha é um movimento telúrico que está sacudindo as mais profundas entranhas desta Pátria. Eu e o povo vamos comandar os destinos nacionais. Eu, o povo e mais ninguém. Mais ninguém.

— Governador, se o senhor ficar com minoria no Congresso e não lhe derem condições de cumprir seu programa de governo, o que fará?

— Meu jovem (e levantou os olhos esbugalhados, fitando o largo céu azul da Bahia) não faço política na base de hipóteses. Ainda menos na base de hipóteses improváveis. Ai daquele que ousar impedir o País de realizar o seu destino. O povo o esmagará. Im-pla-ca-vel-men-te.



A TERCEIRA vez que o vi foi em fins de 1961. Voltava da Europa, depois da renúncia. O navio parou em Salvador, Josafá Marinho foi recebê-lo. Os amigos baianos dos dias de governo haviam desaparecido todos, a começar pelo governador Juracy Magalhães. Conversou demoradamente com os jornalistas. Os mesmos olhos esbugalhados, a mesma linguagem seca, enxuta, como se não fosse palavras, fossem pedras lapidadas:

— Presidente, qual a razão mais profunda da renúncia?

— A história lhe dirá. Quem não entendeu ontem, já começa a entender hoje. E quem ainda não entendeu hoje, entenderá amanhã. I-ne-vi-ta-vel-men-te. Só a história explica e justifica os gestos dos que preferem ser fiéis a seu povo, mesmo trocando o poder pelo ostracismo.



Os quadros são de excelente nível

Mal toquei a campainha de casa discreta, cercada de longo muro branco, do bairro de Santo Amaro, em São Paulo, o portão se abriu. Era o próprio Jânio Quadros. Ele nos recebeu, a mim e a minha mulher, como se fôssemos íntimos de seu novo mundo:

— Que bom vocês aqui. O José Aparecido me disse que vocês viriam. Dentro em pouco ele vem também. Estou aqui sozinho, com a Eloá. Temos muita alegria em recebê-los.

E de repente descubro um homem inteiramente diverso daquele que conhecia em contatos simplesmente profissionais. Os mesmos olhos inquietos rolando nas pálpebras, mas sem a esbugalhada agressividade das horas de luta política. E os cabelos grisalhos, quase inteiramente brancos, compondo um rosto tranqüilo, seguro, maduro. A face de quem aprendeu tudo de si e dos outros e não tem mais de que se assustar nas encruzilhadas existenciais:

— Vivo aqui com meus livros, meus estudos, escrevendo. Estudo e escrevo o tempo todo. Quando canso, pinto, cuido do jardim. Aquela máquina, que lá está, é toda complexa. Eu a desmonto e torno a montá-la. Acabei de pô-la em ordem. É um bom programa para uma manhã de domingo bonita como esta. Não vou à piscina, não gosto. Prefiro ficar aqui à margem, lendo ou pintando. Minha sogra virá aqui hoje, estou acabando esse quadro para ela.

E nos mostra uma série de quadros de excelente nível artístico, realizados por quem é mais do que um amador e tem a segurança de quem pinta por força e talento e domínio da arte.

— E o livro, presidente? Soube que já está na editora.

— Entreguei-o, sim. Ao Martins. É um estudo de todo o continente americano, desde as origens. Comecei pelos Estados Unidos, sua gênese, a formação de seu povo. Só assim é possível compreender a vocação imperialista dos Estados Unidos. Passei três anos lendo tudo sobre as Américas, buscando nos mais diversos museus os menores elementos, os indícios mais longínquos da formação continental. Consegui reunir um material precioso, de inigualável valor. Até aqui, creio, não havia

O ex-presidente agora só vive para os estudos. E quando se cansa, pinta, cuida do jardim ou desmonta sua máquina. Leva uma vida de total isolamento.

O JÂNIO QUE O PAÍS NÃO CONHECE



Jânio em comício da UDN, em 1955



Jânio, do político à figura humana

O livro descobrirá a América

sido feito ainda um estudo tão amplo de nossa civilização americana. Partiu da colonização dos Estados Unidos, sua constituição de Nação, suas lutas internas, seu avanço imperialista sobre os territórios vizinhos, a tomada de parte do México. Depois, um a um, estudei nossos países. Do Canadá ao Uruguai. Foi um esforço muito grande, mas fascinante. Eu confio muito nesse livro. Uma coisa eu sei: é uma análise séria, vertical, até o fundo do que somos, de nosso mundo. Daí o título: "Os Dois Mundos das Três Américas".

— Quando sai?

— Não sei. Breve. Ainda este ano. E já é tempo, pois que o venho concluindo há muito. Tive cuidado de discuti-lo com os homens mais importantes do continente, os grandes estadistas da América. Discuti com Cardenas, no México, demoradamente. Com Eduardo Frei, no Chile, demoradamente. Com Frondizi, na Argentina, demoradamente. Com Veckmans, assessor de Eduardo Frei, um dominicano dinamarquês que é um dos homens mais sábios que já conheci, demoradamente. Esses homens todos tiveram a gentileza de dar-me horas inúmeras de suas vidas, para analisarmos conjuntamente a história, os caminhos e os destinos de nossos países. O resultado desse trabalho está agora na editora. Vamos esperar. Confesso que gosto muito, que muito me entusiasmo com a vida desse livro. Afinal de contas, ele foi gerado em vários anos de meditação e pesquisas.

— De quem é o prefácio?

— Ainda não tem. O Cardenas me havia dito que o prefaciaria. E seria ótimo. Ele foi o primeiro homem que, na América, enfrentou o imperialismo, enxotando a Esso e a Shell do México. Um estadista completo, um homem importantíssimo.

Mas ele morreu e eu fiquei sem o prefácio. Sugeriram-me o Miguel Artigas, o grande escritor da Guatemala, prêmio Nobel. Uma ótima idéia. Há outros, grandes homens que estão plasmando o futuro de nossa América. O Eduardo Frei, por exemplo, um estadista. Nosso Dom Helder Câmara. Esses homens têm da América a visão científica que estudei em meu livro: povos de formação distinta enfrentando quase os mesmos problemas, em um destino histórico inevitável, quaisquer que sejam as dificuldades ou contingências de agora. Por isso, para não tratar do Brasil, depois da interpretação histórica e do estudo da formação de cada povo, analisei alguns problemas específicos, que são comuns a todos: estudei a reforma agrária de Cuba, longamente; reforma educacional do Chile, longamente; a luta antiimperialista do México, longamente; e a vocação imperialista dos Estados Unidos, longamente.

— Soube que o senhor tem dois livros prontos. Qual o outro?

— Eu o havia concluído antes, mas vou aguardar um pouco. São depoimentos e estudos sobre os homens que mais me impressionaram em meus contatos de presidente e em minhas viagens. Talvez se chame: "Os 10 Grandes Homens que Conheci". São personalidades como Kennedy, Nasser, João XXIII, Che Guevara, Cardenas, Bourguiba, Vekmans, Frei, Frondizi.

E passou a contar episódios, analisar personalidades, interpretar a situação internacional, com uma segurança de informações e uma riqueza de dados que me espantaram. E o que é mais importante: com uma profundidade cultural de quem tivesse passado toda a vida em estudos de nível universitário. Sabendo que Philomena é professora de Antropologia, falou sobre Incas e Astecas como quem tivesse preparado uma aula na véspera. Eu fiquei a pensar na perdulária irresponsabilidade de uma Nação jovem, que tem um homem com a experiência humana e a bagagem cultural de Jânio e o mantém no ostracismo de um gabinete, quando deveria

A casa, um arsenal de raridades

dar-lhe uma cátedra universitária para que ele passasse à juventude o investimento de existência e cultura que o País fez nele.

Evidentemente, não contarei aqui tudo que conversamos. Até porque não fora lá para uma entrevista, mas para uma conversa informal.

LINCOLN, O SÍMBOLO

Depois do almoço, ele nos leva ao escritório. Como toda a casa, é um arsenal de preciosidades. Objetos raros, obras de arte, livros que são jóias, como um Dicionário de Shakespeare, editado na Inglaterra um século atrás, com todos os versos do poeta em ordem alfabética, por assunto. Livros em todas as línguas, lidos, anotados, fichados. Alguns, preciosíssimos, adquiridos em velhas livrarias internacionais, especializadas em obras raras.

Basta entrar no escritório para sentir-se que o dono é um scholar, acostumado a estudar como quem trabalha e não como quem faz o tempo passar. Um a um, objetos e livros, ele os vai mostrando, depois se emociona e diz com a voz embargada:

— Vocês sabem que o Aparecido é o filho que eu não tive. Tudo isso aqui é dele. Ninguém, como ele, tem condições de cuidar disso. E, principalmente, de reunir toda a enorme documentação de governo que temos para um livro sobre nossa experiência administrativa.



**O JÂNIO
QUE O PAÍS NÃO
CONHECE**

"Gênese dos Estados Unidos. Aspectos fisiográficos. O meio. O Homem. Influências político-religiosas. Tendências centripetas. Rumos do expansionismo".



Jânio, Lacerda e Afonso Arinos

Jânio é especialista em Lincoln. Tem tudo e sabe tudo.

Depois, abre uma porta discretamente encravada na parede, como se fosse de cofre, e com os olhos iluminados como um noviço diante do altar, mostra-nos a mais preciosa de suas preciosidades culturais; uma enorme fotografia de Lincoln assinada do próprio punho. Lincoln está de pé, com as mãos sobre a "Declaração da Independência norte-americana". A assinatura é nítida:

— Só há três fotografias dessas. Uma, no Museu de Londres. Outra, no Museu de Washington. E esta aqui. É justo, pois, que a trate com o cuidado que ela merece

Aliás, em Lincoln, Jânio é doutor. Sabe tudo, tem tudo dele. Por exemplo: pendurado na estante, está o original do programa do Teatro na noite em que Lincoln foi assassinado. Quantos ainda haverá? E a sensacional fotografia do assassinato? Jânio chama a atenção para a tragédia numa foto: Lincoln, assassinado. Ao lado, a mulher, que morreu louca. Do outro lado, um casal de amigos. Mais tarde, o marido matou a mulher e se matou. E, no centro, o assassino, que acabou crivado por cem balas do Exército. Da foto, parece que apenas o fotógrafo sobrou. Terá sobrado?

A gente sente que, para Jânio, Lincoln é mais do que a imagem do estadista que ele sempre quis ser, jogando todas as cartadas sem olhar conseqüências pessoais e pondo os interesses públicos e o destino nacional acima de quaisquer conveniências. Entre o mandato impossível de ser cumprido em sua integridade e intocabilidade, e o gabinete do ostracismo, ele não

pensou duas vezes. Preferiu partir a presidência a dobrar-se. Como Lincoln, o símbolo, teria feito.

E ainda há mais. Lincoln, sobre ser o símbolo, é o paradigma existencial. Sente-se que ele acredita em algum laço histórico que tenha plasmado alguma coisa da existência de ambos. Para a tragédia? Para o desfecho político em sangue e espanto? Impossível saber o que vai mesmo dentro da cabeça de um homem com a grandeza humana e a verticalidade cultural de Jânio.

Afinal de contas, ele tem apenas 55 anos. E carrega nos ombros o mais sensacional fardo político que um homem público já conduziu no Brasil em apenas onze anos. Daí, certamente, o tamanho de sua medida humana, que uma anti-propaganda pertinaz tentou decompor.

Mas que o conhecimento direto, em dez horas de conversa, muda inteiramente.

Eu pensei que conhecia Jânio Quadros, quando toquei a campainha de sua casa. Pois o conhecia tão pouco, apesar de vinte anos de jornalismo político, como menos ainda o conhece o País, que dele tem apenas a imagem apocalíptica, dos longos cabelos negros escorregando na testa, dos olhos esbugalhados e da garganta bíblica gritando secas e enxutas palavras de profeta.

Do profeta que, na escalada do poder, descobriu o destino de seu País. E, na escalada do ostracismo, descobriu o destino do mundo. E seu próprio destino.

ESTADOS UNIDOS: A COLONIZAÇÃO DA FÉ E DO LUCRO

Quando saíamos, ele me entregou algumas laudas datilografadas:

— Queria dar os originais do livro para você ler. Não os encontrei. Ambas as cópias estão com o editor. Aqui comigo apenas os dois primeiros capítulos. Gostaria que visse de preferência os últimos capítulos, onde analiso nossa América de agora. Mas, de qualquer maneira, leve esses dois.

(Transcrevo-os aqui na íntegra para os leitores terem idéia da competência com que Jânio estudou as Américas):

"O sistema dos Apalaches corre desde o Labrador até os estados da Geórgia e do Alabama, erguendo muralha quase intransponíveis entre as terras litorâneas, recortadas em seu conto de baías, e as imensas planícies do eixo continental. Raras são as passagens, o que dificulta a variação do Oeste. O rio São Lourenço e os Grandes Lagos, lá em cima, e o vale do Mohawk e do Ohio, seriam das poucas rotas interiores.

À altura das primeiras tentativas de colonização, florestas espesas cobriam as montanhas, sobretudo ao norte, e uma capa de vegetação rasteira, mas intrincada, tornava penosa a marcha. O clima era, no geral, favorável, tinha feição européia enquanto a primavera e as

Como nasce e cresce uma nação imperialista

estações quentes proporcionavam fartas colheitas, o inverno, apesar de áspero, estimulava ao trabalho.

Duas novidades aguardavam os colonos pioneiros e, ambas, exerceram relevante papel na criação da nova economia: o tabaco e o milho. O primeiro espalhou-se de tal forma que chegou a ser plantado até nas praças das povoações nascentes.

Londres comprava a bom preço as folhas de fumo para os cachimbos do modelo indígena e, depois, para o rapé. O milho era mais do que alimento para as famílias; era, também forragem, e a palha se aproveitava nas camas. Se acrescentar o trigo, a cevada, a aveia e os feijões, trazidos do Velho Mundo, teremos, aí, o grosso da agricultura colonial.

Não faltava a caça, particularmente o bisão e o cervo. Confinado, assim, de um lado pela barreira granítica, e de outro pelo oceano, o homem fixou-se em inúmeros portos, autônomos todos e marcados por individualidade forte. Em breve não havia uma colônia, mas quinze e, em decorrência desse relativo isolamento, ao vir a Independência, a idéia de uma Confederação já preexistia nos espíritos.

A multiplicidade dos povoadamentos e a similitude das circunstâncias em que se desenvolveram, induziram seus habitantes à unidade de propósitos e a sentimentos de solidariedade, inevitáveis.

A este passo, cabe observar a distinção que Howard Mumford Jones faz entre a colonização saxônica e a latina, em terras americanas. Disse ele que esta última "apesar de seu sentido superior de humanidade no referente às relações raciais, da surpreendente eficiência de sua administração, e da esplêndida riqueza de sua cultura típica, é o produto de uma ordem feudal agonizante que, por alguns momentos, sobreviveu no Novo Mundo, enquanto aquela, a saxônica, é o produto do espírito capitalista expresso nas corporações comerciais, inculcando a ética protestante...

Ao excogitar da ética, diz mais: "como o judeu da antigüidade, impunha-se ao cristão prosperar... os negócios podiam ser conduzidos com a grave seriedade da religião; a auto-suficiência de uma alma protestante poderia traduzir-se na auto-suficiência da moral do comerciante.

Um milheiro de sermões, tratados e ensaios convidavam, advertiam, orientavam e exortavam a classe média protestante ao enriquecimento, sem embargo de permanecer ascética; juntar fortuna sim, mas, sem comprometer suas energias espirituais...

Essa colonização de intensa religiosidade, agressiva e impulsionada pela ambição do lucro, tão logo reuniu o ímpeto necessário, teria que, transpor o continente, fechando-o de costa a costa.

Lembra Vianna Moog, em seu estudo *Bandeirantes e Pioneiros* que "Os primeiros povoadores das colônias inglesas da América, princi-



Nem só de riquezas viviam os pioneiros

palmente os puritanos do *Mayflower*, não vieram para o Novo Mundo só ou predominantemente em busca de minas de ouro e de prata, e de riqueza fácil. Vieram, isto sim, acossados pela perseguição na pátria de origem, em busca de terras onde pudessem cultuar o seu Deus, ler e interpretar a sua Bíblia, trabalhar, ajudarem-se uns aos outros e celebrar o ritual do seu culto, à sua maneira.

Ao embarcarem trazendo consigo todos os haveres, mulheres e filhos, deram as costas à Europa, para fundar deste lado do Atlântico uma nova pátria, a pátria teocrática dos calvinistas.

Não pensavam no regresso; para eles só havia um modo de ser agradável a Deus: ler a Bíblia e trabalhar, trabalhar e prosperar, prosperar e acumular riquezas. Eram colonizadores, não conquistadores. Houve, depois, é certo, os que descambaram para o Oeste, à procura de minas de ouro e fortuna fácil, mas, quando isso aconteceu, o sentido, o ritmo da história norte-americana já estava estabelecido e definitivamente estabelecido, construtivo, moral, orgânico." (x)

Eis, bem nítido, o facies do colono primitivo: livre, diligente, organizado, e de rígida formação religiosa, inspirado pelo propósito férreo de edificar uma nação à luz dos princípios reformistas de seu cristianismo, para si e seus descendentes.

Casava o individualismo, a empresa privada e o capitalismo emergente, a um vigoroso sentimento de solidariedade. Já o dissemos. As distâncias entre as colônias, a população esparsa, os riscos inerentes ao meio agreste, inevitavelmente hostil, as amplas paisagens e o próprio instinto de sobrevivência, condicionavam essa solidariedade, haurida também da leitura dos Livros Sagrados. As forças, pois, que presidiram o aparecimento do novo país, na contrariedade do que ocorreu na América Latina, particularmente na espanhola, eram centrípetas e, após uma breve tentativa de Confederação, resguardados os direitos havidos como impostergáveis pelas colônias, a Federação aparecia. (x)

Coincidentemente, a expansão nacional só poderia ter um rumo: o Leste-Oeste. Com a ocupação dos Apalaches e com a ocupação do vale do Ohio, o resto seria um mandamento geográfico. Allan Nevins e Henry Steele Commanger contam-nos, em *The Pocket History of the United States*:

"Mesmo nos dias coloniais, os observadores argutos demonstravam que aqueles que dominassem o Vale dominariam o Mississipi. Era verdade, por igual, que aqueles que dominassem a bacia do Mississipi deveriam, mais tarde, dominar todas as áreas a Oeste dessa Bacia." (xx)

Condenava-se, pois, a França a perder a Luisiana e o México a Califórnia, e toda a região do Sudoeste. De forma célebre, e ao longo das trilhas batidas pelos exploradores, como a do Oregon e a de Santa Fé, o Pacífico foi alcançado. São Francisco, da noite para o dia, converteu-se em cidade fervilhante. O ouro atraiu tais multidões que amplos espaços, de permeio, permaneceram despovoados, ainda às mãos dos índios.

Estes, à altura da colonização originária, não deveriam somar mais de um milhão, divididos por dezenas de famílias. Mesmo os organizados em Nações, como os Iraquois, os Creeks e os Sioux, pouco puderam fazer frente aos colonos. A revés das populações autóctones do México, da América Central e do Peru, que haviam logrado uma alta civilização, viviam, ainda, na Idade da Pedra; eram, no mais dos casos, caça-

No segundo capítulo, o livro mostra como se deu a ocupação da terra, dá uma visão ampla do espírito religioso dos que a colonizaram e de sua vida.

O JÂNIO QUE O PAÍS NÃO CONHECE



Jânio presidente

dores nômades.

Em breve, os supérstites estariam sob jugo, as tribos quase exterminadas.

OS PRIMÓDIOS DA COLONIZAÇÃO

Certo, a ocupação do país e sua integração em uma unidade sócio-econômica e política, apresentou dificuldades sérias. Montanhas, rios e lagos eram um desafio; parte do Este aparecia recoberta de florestas quase impenetráveis; o Sul era quente e úmido, quase inóspito; regiões do Norte estavam sujeitas a inverno duro, constante; havia entre os dois oceanos, alternando-se, pântanos ou alagadiços extensos ou desertos intermináveis.

Em alguns casos, os índios opuseram-se, tenazmente, à penetração. Não obstante, exagerou-se quer o poderio das tribos ou famílias, quer os ocasionais atos de crueldade. A moral protestante rapidamente absolveu os colonos do morticínio indiscriminado sofrido pelos selvagens. Como Howard Mumford Jones nos lembra, "uma nova Canaã fora revelada aos protestantes ingleses" (xxx) e, à época, escrevia Robert Cushman: "as terras habitadas pelos índios eram amplas e vazias, eles nada mais fazem do que errar pelos campos, tal como proceda as raposas e as bestas selvagens... o que torna legal tomar terras que ninguém usa, e dar-lhes emprego." (xxxx)

Ademais, os incolos, na opinião de John Winthrop, nada possuíam, eis que "o que é comum a todos não é propriedade de ninguém. Estes selvagens governam muitas terras sem títulos ou documentos; não cercam o chão, nem mantêm gado, mas transferem seu domicílio de lugar para lugar, conforme as conveniências." (xxxxx)

Desde seus primórdios, o que caracterizou a colonização norte-americana foi a justaposição dos sentimentos religiosos com o espírito do individualismo capitalista, que não só procurava o lucro, como o tinha consagrado pela fé. Emprestando-se às profissões valor excepcional e a preguiça ou a apatia assumiam a estatura de pecados graves. O lucro tinha a significação de virtude. Esse sentido, a um tempo teocrático e utilitário dos primórdios da colonização norte-americana, está onipresente em todos os estabelecimentos litorâneos e deveria plasmar o tipo humano, representando mesmo o traço fundamental de seu caráter. É o caso do precursor dessa colonização, Christopher Newport, que, em 1607 fundava Jamestown, erguendo um forte, uma igreja e algumas cabanas. Encontramo-lo, também, nos *Pilgrims* calvinistas, que se refugiaram na Holanda por força de dissensões religiosas, e deixaram Plymouth, a bordo do *Mayflower* para desembarcar no Massachusetts, em fins de 1620.

A seguir, vieram os Puritanos, isto é, adeptos da Igreja da Inglaterra, e notáveis figuras da época são o ministro Roger Williams e o reverendo Thomas Hooker. Convém ressaltar que essa colonização se fez, coincidentemente, à base de corporações comerciais ou de cartas régias de outorga de terras, o que bem demonstra o intuito mercantil que a gerava. Duas dessas corporações, a *London Company* e a *Plymouth Company*, foram responsáveis pela colonização da Virgínia, do Maine, de New Hampshire e do Massachusetts, já mencionado. As levas de imigrantes que alcançavam o Novo Mundo tinham a impeli-las, perfeitamente identificados, o fervor religioso e o espírito de mercador, inclusive nas suas expressões maiores, como é o caso de Lord Baltimore e de William Penn.

O perfil dos luteranos e calvinistas, dá-nos Erich Fromm, em *O Medo à Liberdade*: "O protestantismo foi a resposta às necessidades humanas do indivíduo assustado, desarraigado e isolado que tinha de orientar-se e relacionar-se com um novo mundo. A nova estrutura do caráter, oriunda de mudanças econômicas e sociais e intensificada por doutrinas religiosas, tornou-se, por sua vez, fator valioso na criação da ulterior evolução econômica e social. Aquelas mesmas qualidades que estavam implantadas nesta estrutura do caráter — compulsão para o trabalho, paixão pela poupança, disposição para tornar-se um instrumento para a consecução de objetivos dum poder extrapessoal, o ascetismo e um sentimento compulsivo do dever — eram traços de caráter que se transformaram em forças produtivas na sociedade capitalista e sem os quais nem se pode imaginar o moderno progresso econômico e social; elas eram as formas específicas em que foi moldada a energia humana e que se tornaram uma das forças produtivas dentro do processo social.

Agir de acordo com os recém-formados traços de caráter era vantajoso sob o ponto de vista das necessidades econômicas; era também satisfatório psicologicamente, visto como uma ação assim atendia às necessidades e ansiedades deste novo tipo de personalidade." (xxxxxx)

Essa a extração comum dos George Washingtons, dos Franklins, dos Adams, dos Emersons, dos Jeffersons e dos Lincolns. O sentido de profundo individualismo, presente nessas correntes migratórias, produziria, também, as primeiras instituições democráticas do futuro país.

Já em 1619, Jamestown tinha uma Assembléia Legislativa, e em 1682 William Penn possibilitava uma Constituição. Registre-se também que as levas humanas apresentavam singular unidade étnica, lingüística e de tradições e costumes. Como o grosso era de origem inglesa, fácil foi a absorção das correntes: menores, alemãs, holandesas, suecas, ou francesas; no caso das

duas primeiras, ainda mais fácil por causa do tronco saxônico e, no da última, por causa da afinidade religiosa — eram imigrantes huguenotes.

As colônias, em pouco tempo, somavam à mesma comunidade sócio-econômica homens de todas as origens, fundindo-os aos grupos largamente majoritários de procedência inglesa e imprimindo a todos unicidade de tipo que começava a diferenciar-se do originário por força das exigências do meio e das oportunidades que este ensejava ao desenvolvimento da personalidade. Os traços dominantes, assim, eram os anglo-saxões, com a mesma fé básica e o mesmo gosto pela aventura.

Aí por 1775, fundada em 1732 a última colônia, — a Geórgia — já se delineava um sociedade americana e aparecia, com ela, a fronteira em expansão.

A escravidura tinha sido introduzida no Sul, onde as fazendas produziam índigo, arroz e tabaco, particularmente na Virgínia, no Maryland e na Carolina, cujo estilo era predominantemente rural.

Quando corremos os olhos pelas colônias, a essa altura, encontramos como traços distintivos o florescimento das instituições livres, expressas nas assembléias populares, crescente experiência política, um firme apego às liberdades fundamentais da palavra, do direito de reunião e de imprensa, completa tolerância religiosa e, o que é mais relevante, um forte sentimento de livre empresa, expressão econômica do individualismo.

Os próprios monopólios da América Latina inexistiam, particularmente os da América Francesa ou Espanhola, que destruíam ou paralisavam a iniciativa individual. A convicção dominante era o de que um destino privilegiado aguardava as colônias e, a par da agressividade, respirava-se um clima de otimismo e autoconfiança."

(x) Vianna Moog, "Bandeirantes e Pioneiros", págs. 129/130.

(xx) Allan Nevins e Henry Steele Commanger, "The Pocket History of the United States", pág. 4.

(xxx) Howard Mumford Jones, "O Strange New World", págs. 189/190.

(xxxx) Robert Cushman, "Reasons and Considerations", apêndice ao livro "Relations... of the... Proceeding of the English Plantation settled at Plymouth (1622) in Arber, Story of the Pilgrim Fathers", págs. 499/500.

(xxxxx) John Winthrop, "Winthrop Papers", Vol. II pág. 120.

(xxxxxx) Erich Fromm, "O Medo à Liberdade", págs. 92/93.

**Hélio
Duque**

O governo sabe que o problema é criar uma estratégia para o efetivo aproveitamento da mão de obra brasileira, que se vê, a cada dia, mais desamparada.

MISÉRIA



O PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, NO SEU CAPÍTULO SOBRE EXPANSÃO DE OPORTUNIDADE DE EMPREGO, ENALTECE A NECESSIDADE DE UMA ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA DE TIRAR PROVEITO DO POTENCIAL DE CRESCIMENTO REPRESENTADO PELOS RECURSOS HUMANOS NACIONAIS, DENTRO DE UMA POLÍTICA ECONÔMICA ORIENTADA NO SENTIDO DE : (1) ABSORVER O ACRÉSCIMO DE OFERTA DE MÃO-DE-OBRA QUE SE TORNE DISPONÍVEL; (2) REDUZIR O SUBEMPREGO EXISTENTE EM ÁREAS URBANAS E RURAIS; (3) AUMENTAR A TAXA DE ATIVIDADE ECONÔMICA DA POPULAÇÃO.

O PAÍS DO DESEMPREGO



Cirne Lima

Afirma-se mesmo no PND, a certa altura:

"sem considerar a elevação da taxa de atividade dos diferentes grupos etários, estima-se que a oferta adicional de mão-de-obra evoluirá de cerca de 850 mil pessoas, em 1970, para a ordem de 920 mil, em 1974. Corresponde isso a um crescimento

anual de 2,9 por cento. Sabe-se que a maior complexidade do emprego no Brasil está não na dimensão do desemprego aberto, cujo índice é reduzido, mas na sub-utilização da mão-de-obra, freqüentemente empregada em níveis muito baixos de produtividade ou operando apenas em

tempo parcial". Dessa maneira, o próprio documento-maior governamental para o desenvolvimento nacional preconiza soluções imediatas para o agravante problema do desemprego e do sub-emprego com todas as implicações sócio-econômicas que o fato gera. E essa preocupação

governamental, além de se mostrar claramente no PND, vem encontrando em muitos porta-vozes do sistema revolucionário acústicas sensíveis a essa questão básica para uma verdadeira política integrada de desenvolvimento nacional: o desemprego e o sub-emprego.



Entende-se o desenvolvimento que traga uma melhora para a economia, mas que promova um melhor divisor de renda, sem o qual nada estará resolvido.

**O PAÍS DO
DESEMPREGO**

Cirne Lima disse que o Brasil não encontrou o rumo do desenvolvimento e que só houve crescimento econômico

Um desses porta-vozes, o ministro Luiz Fernando Cirne Lima, da Agricultura, no ano passado, concedeu entrevista das mais importantes para os estudiosos do processo de desenvolvimento nacional à revista Ceres, da FAO. Esta entrevista do jovem ministro foi publicada na edição de setembro/outubro de 1971. Não sei porque os editores de economia dos grandes jornais brasileiros (à exceção da Folha de São Paulo) ignoraram esse pronunciamento do ministro Cirne Lima.

Ora, os tais cadernos de economia brasileira (os exemplos são tantos dos que vem proliferando por aí, que não há um mês sem que um desses suplementos seja publicado) não precisavam ir procurar o pensamento econômico de um ministro japonês, lá no Japão, sobre o desenvolvimento brasileiro. Mas como diz a velha sabedoria popular que **santo de casa não faz milagre**, fico a imaginar que os editores de economia de alguns dos principais jornais brasileiros têm razão: um ministro japonês entende mais de economia brasileira do que o nosso ministro da Agricultura. Só a isso posso creditar a omissão e ignorância para o pensamento econômico-social do ministro Cirne Lima sobre a nossa atualidade desenvolvimentista.

Nessa sua entrevista, que não perdeu a atualidade, pelo contrário, ele diz coisas assim:

1 — "Sem dúvida, estamos obtendo excelentes resultados em matéria de crescimento econômico, mas não podemos dizer o mesmo sobre o desenvolvimento do País. Crescimento econômico é o aumento de bens e serviços colocados à disposição da população e pode ser representado pelo simples aumento quantitativo da renda per capita, sem revelar as características estruturais da economia, principalmente em seus aspectos qualitativos.

2 — "O desenvolvimento, por outro lado, significa implicitamente uma melhora econômica, promovendo uma melhor distribuição e redistribuição da renda nacional e regional.

3 — "Do meu ponto de vista, não demos suficiente atenção aos aspectos sociais do nosso desenvolvimento durante os últimos anos, pois tínhamos uma premente necessidade de consolidar o crescimento econômico, mediante um modelo que nos permitisse sair da estagnação e assegurar a continuidade da renda nacional. Mas essa política deve ser gradativamente modificada, durante os próximos anos. Isso para mim é muito claro.

4 — "Nosso problema é harmonizar uma taxa de crescimento de 9 por cento ao ano com uma significativa melhora na distribuição da renda. Precisamos aumentar rapidamente o poder aquisitivo de toda a população brasileira e não só de uma limitada minoria. Precisamos criar empregos para aumentar a eficiência de nossa produção rural e melhorar as condições sociais de uma grande parte da população, por meio de maiores oportunidades educacionais e melhores condições de vida.

5 — "Admito até que seria melhor reduzir a percentagem de crescimento anual, para 7 a 8 por cento, por exemplo, e distribuir melhor a renda — e consequentemente dar um impulso maior ao desenvolvimento — do que manter a taxa de 9 por cento, ou mesmo aumentá-la, sem ter uma melhora significativa nas condições sociais. Estamos decididos a enfrentar esse desafio e ir adiante. Creio que a posição do nosso Governo é não deixar o rio correr direto para o mar, mas levar a água. Nosso País é tão grande e tão potencialmente rico que estou convencido de que encontraremos o caminho."

E essa preocupação do nosso jovem ministro da Agricultura encontra ampla ressonância nos fatos concretos. Por exemplo, na recente III Conferência Nacional das Classes Produtoras, realizada na Guanabara, que aprovou a **Carta Econômica da Guanabara** como documento maior dos empresários brasileiros, é vista a seguinte posição: "por mais precárias que sejam as estatísticas disponíveis sobre distribuição de renda no Brasil, o fato é que elas confirmam o aumento do grau de concentração de renda, entre 1960 e 1970".

E diz mais adiante a **Carta Econômica da Guanabara**: "Não se trata de um fenômeno enquadrável naquela descrição marxista, segundo a qual os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, já que todas as classes progrediram em termos de padrão de vida médio e, apenas, o progresso foi mais do que proporcional nas classes mais ricas. Ainda assim é um problema importante."

O ministro Delfim Netto, da Fazenda, pensa assim sobre o assunto: "O desenvolvimento econômico não é a paz, é a guerra. É um processo terrível, internamente, para mobilização de recursos, para cada um ficar onde está. Neste processo, quem corre fica onde está e quem ficar parado é atropelado. É nesse mecanismo de ajustamento que todos nós sofremos permanentemente variações em nossas posições. Alteram-se os preços relativos. Nossas profissões são mais ou menos procuradas.

Nossos salários sobem ou descem. Se alteram, afinal, as coisas básicas da vida do homem: os preços daquilo que ele consome e os preços daquilo que ele recebe pelo seu trabalho, e neste processo se alteram as relações entre os homens. É exatamente por isso que a cada instante nós temos que procurar um **bode expiatório** para as supostas dificuldades ou dificuldades reais." Dessa forma, o desemprego e a perda de poder aquisitivo, além da concentração de rendas provadas pelo Censo de 1970, para o nosso ministro da Fazenda é uma simples questão de existir ou não existir bodes... É um pensamento, sem dúvida.

O povo está sem emprego

São Paulo, que é o Estado do nosso competente ministro Delfim Netto, por exemplo, tem hoje quatro milhões e noventa e oito mil paulistas, em idade produtiva, fora do mercado de trabalho. Essa conclusão foi obtida pela **Fundação do Plano de Amparo Social**, que não abrangem os municípios que integram o **Grande São Paulo**, onde o problema é menos grave, mas unicamente as áreas do interior.

E uma outra pesquisa, desta feita recorremos ao Ministério do Trabalho, através do Departamento Nacional de Mão-de-Obra, mostra que em São Paulo, em 1971, cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas foram admitidas no mercado de trabalho. Em contrapartida, um milhão e duzentas mil pessoas foram dispensadas e despedidas. Correspondendo, portanto, a uma entrada efetiva no mercado de trezentas mil pessoas, das quais duzentas mil para seu primeiro emprego. Em São Paulo estão 45 por cento da força de trabalho do Brasil.

Sobre o verdadeiro número de desempregados no País, o **Departamento Inter-sindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos** afirma: "Ainda faltam números oficiais para demonstrar a quantidade de desempregados no Brasil; as estatísticas que tentam abordar o problema podem não ser consideradas absolutamente reais. Nos atuais levantamentos estatísticos, só são indicados como desempregados os que não estavam exercendo qual-

quer tipo de atividade na época em que a pesquisa foi feita; por isso, são considerados empregados todos os trabalhadores que, durante aquele período, apesar de desempregados, realizaram pequenas tarefas, como abrir um poço, capinar um jardim ou regar uma horta."

Outro aspecto, igualmente importante numa política de desenvolvimento econômico e que vem se acentuando indo de encontro a essa norma econômica, é a prática comum em muitas empresas de dispensarem os seus empregados na época de reajuste, contratando-os novamente por salários mais baixos ou então substituindo-os por outros com salários inferiores.

Dessa maneira, é perfeitamente aceitável e até legal para muitas organizações lesarem duplamente os seus trabalhadores. Da seguinte maneira: despedindo os menos qualificados na fase de reajuste salarial e substituindo-os por outros para que não haja aplicação do reajuste salarial.

Os que ficam desempregados, ao conquistarem novo emprego, são considerados empregados novos e, portanto, sem direito a reajuste, estando completamente à mercê do salário que a empresa quer pagar por sua força de trabalho, obviamente respeitando o salário-mínimo.

Daf, a preocupação de homens como o ministro Cirne Lima, e mesmo do nosso PND, que buscam uma sociedade democrática também sob o prisma econômico-social. Temos de diferenciar, como bem disse o ministro da Agricultura, crescimento econômico de desenvolvimento econômico.

E essa parece ser uma preocupação governamental, tanto assim que um dos trechos do Plano Nacional de Desenvolvimento, afirma: "Os censos revelam ainda a baixa e declinante taxa de atividade econômica da população brasileira (ou seja a parcela da população exercendo atividade econômica regular), a qual se situou em 32,9 por cento, 32,3 por cento e 31,7 por cento em 1950, 1960 e 1970. Comparada com a taxa de cerca de 43 por cento para o mundo, 45 por cento para a Europa, 40 por cento para a América do Norte e mesmo 35 por cento para a África e América do Sul, aquele índice mostra que o onus recai sobre um terço da população brasileira, a quem incumbe sustentar, economicamente, o esforço de desenvolvimento".

Sebastião
Nery

Zenóbio da Costa

PERNAMBUCO

1 Zenóbio da Costa, general da FEB na Itália, mandou chamar o cabo Manoel do Amor Divino:

— Cabo, você sabe que só os heróis são convocados para as missões de glória. Nós temos hoje, para você, uma missão de glória, uma missão de perigo: 90% de probabilidade de morrer e 10% de probabilidade de viver. Escolhemos você porque resolvemos homenagear Pernambuco. Você é pernambucano e os pernambucanos têm uma tradição de coragem. Escolhendo você para a missão desta noite, o comando da FEB está homenageando Pernambuco.

— Acontece, meu general, que há 30 anos eu estou fora de Pernambuco.

2

Arquimedes Souto Maior, desembargador e chefe político, era o Pinheiro Machado de Pernambuco. Sua vontade era lei. Mandou cartão ao professor Gervásio Fioravantes, da banca examinadora do Ginásio Pernambucano, pedindo que ele aprovasse o filho de um amigo no exame de conhecimentos gerais.

O rapaz não sabia nada mesmo. O professor ajudou, conversou, facilitou, e o menino parou e calado. De repente, senta-se uma borboleta no quadro negro:

— Ótimo, meu filho. Está ali aquela borboleta. Se você me disser a que família ela pertence, pode ir embora que está passado.

— Eu sei, professor. É a família dos borboletáceos.

— Meu filho, você está passando porque um cartão do Arquimedes é lei. Mas borboletáceo é a p.q.p.

3

João Bonitinho era figura popular em Caruaru. Vivendo fazendo comércio no bar e pregando comunismo na farmácia. Veio 64, Bonitinho foi preso. O delegado começou a apertar Bonitinho:

— João, se você não fosse co-

munista, o que é que você queria ser?

— Capitalista.

4

José Marques da Silva, "José Bodinho", dono de uma rede de supermercados em Recife, era deputado. Ia saindo da Assembléia, perguntaram aonde ia:

— Vou à casa de um amigo meu, que teve enfarte no Leocádio.

5

Um governador jovem perguntou a Agamenon Magalhães que receita ele lhe daria para uma boa administração.

— No começo do governo, preocupe-se com você mesmo, com as características de seu programa e as possibilidades de executá-lo. No meio do governo, preocupe-se com os inimigos: com o que eles dizem, para corrigir os erros. No fim do governo, preocupe-se com seus amigos: com o que eles quiserem, para que não levem você a sair do governo deixando uma má impressão.

6

Coronel Gomes, pai de Jayme Gomes, secretário de Agamenon, era prefeito de João Alfredo, lá no interior do Estado. Foi a Recife pedir ao interventor um grupo escolar para o município:

— Está certo, coronel, você me traz logo um croquis, que eu dou ordem para construir o grupo.

Um mes depois, aparece o coronel Gomes em Palácio. Agamenon reclamou:

— Eu disse para você providenciar logo o croquis e só hoje você aparece?

— Ah, doutor Agamenon, não trouxe logo porque demorei de arranjar. Tive que ir lá na feira do Pilar, na Paraíba, arrumar o concri.

(Concri é um passarinho do Nordeste, espécie de corupião)

7

José Carlos Guerra, um dos melhores deputados que Pernambuco já teve (e por isso,

evidentemente, tomaram-lhe o mandato), é genro do senador Gustavo Capanema. Não pode ver nada na frente: pega logo lápis ou caneta e começa a riscar, fazendo desenhos. E o senador é aquela tranquilidade mineira, que irritava até o charuto de Getúlio. Um contemplativo.

No dia do pedido de casamento, começaram a conversar. O senador, elegante, com amplos e engomados punhos brancos. Guerra, caneta na mão, despercebidamente, atacou. No fim da conversa, Guerra saiu com a mão da amada. E o senador com o punho da camisa todo desenhado.

8

Luis Pereira, pintor de parede, dormiu com menos de 200 votos, acordou deputado federal. Era suplente de Francisco Julião, cassado. Chegou a Brasília de roupa nova e coração novinho. Murilo Melo Filho jogou a primeira lata de tinta no silêncio daquela suburbana fachada política:

— Deputado, como vai a situação?

— "As perspectivas são piores do que as características" Nada mais respondeu. Nem lhe foi perguntado.

9

Pindaro Barreto, poeta pernambucano, morreu muito jovem. No cinquentenário, houve sessão solene em sua homenagem. O orador era Francisco Jorge Elihimas, da Academia Pernambucana de Letras. A família de Pindaro toda lá e, na entrada, uma foto enorme do poeta, em tamanho natural, com grandes números no peito. O conferencista começou:

— Pindaro era um modesto, sem vaidade. Tive a maior dificuldade em encontrar uma foto dele para ilustrar esta conferência. Sabem onde fui buscar? Nos arquivos criminais. Ele tinha falsificado assinaturas, foi

preso. Os intelectuais fizeram uma comissão, foram ao governador. Que não pôde fazer nada. Sabem por que?

Olhou a assistência de canto a canto, piscou os olhos maliciosamente e explicou:

— Reincidente. Reincidente...

A família, lavada em lágrimas, levantou-se. A conferência acabou ali.

10

Em 1963, o PSD achou que o presidente João Goulart não queria eleições, resolveu forçar a barra: lançar logo o "JK-65".

Marcam a convenção nacional. Havia uma encruzilhada difícil. O PSD não podia ficar contra as reformas, porque o País estava emocionalmente conquistado para elas. Mas também não podia ficar abertamente a favor, para não perder suas bases latifundiárias, sobretudo os coronéis de Minas e do Nordeste.

Durante uma semana Juscelino e seu staff discutiram o discurso da convenção. Terminou escrito a seis mãos, dentro da mais madura sabedoria peessedista mineira. Tinha até a meio calhorda frase famosa: — "Vamos fazer as reformas, sem reformar a bandeira nacional"

Na tarde da convenção, chegam os delegados dos Estados. Um deles fincou o pé: — "Só voto se ler antes o discurso do candidato". Juscelino achou um desaforo, ficou irritado, mas vieram as ponderações: — o delegado era importante, líder estadual. Mostraram.

O líder estadual ficou uma fera: — "Então é isto? Então o País quer uma reforma total de suas estruturas e nosso candidato vai fazer esse discurso flor de laranja? Não voto e meu Estado não vota. Temos que apresentar uma mensagem radical, como as massas estão exigindo".

Foi um corre-corre. A cúpula do PSD tocou para a casa de Juscelino, mexeram no discurso, puseram umas frases radicais de efeito, o líder estadual gostou, aprovou, o discurso foi lido.

O líder estadual, que radicalizou o discurso de Juscelino (e esse foi o principal pretexto para a cassação do ex-presidente) chamava-se Paulo Guerra. Substituiu Miguel Arraes no governo de Pernambuco e hoje é um dos mais ilustres e reacionários líderes da ARENA.

11

Artur Medeiros Carneiro, chefe político e coronel de infinito latifúndio no Estado (a Usina Maravilha) não gostava de ouvir falar no passado:

— Que importa o passado? As coisas são o que são e não o que foram. Quando alguém bate à sua porta, você não pergunta: — quem foi? Você pergunta: — quem é?

12

O coronel Malvino Reis era chefe de Polícia de Pernambuco em 1935. Chega para falar-lhe o velho chefe político Gérson Maranhão:

— Hoje não atendo ninguém. Estou muito ocupado.

— Só uma palavrinha, coronel Malvino.

— Não tenho tempo. Faça o obséquio de retirar-se.

— Mas vim de longe. Só uma palavrinha.

— Então diga a palavrinha e vá embora.

— Coronel, eu tenho muito mais medo de um homem mal educado do que de um homem valente. Era esta a palavrinha que eu queria dizer ao senhor. E foi-se embora.

13

José Francisco Cavalcanti, todo de branco era presidente da Assembléia quando Barbosa Lima Sobrinho era governador. Chamou o diretor, mandou publicar os anais do Legislativo:

— Presidente, a verba consignada no Orçamento não é suficiente para a publicação dos anais.

— Não tem importância. Publica um anal só, depois a gente providencia a publicação dos outros.

POLITIKA

10

história

Vários dos que morreram pela nossa liberdade, simplesmente não são lembrados durante as comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil.

Oliveira
Harrison

INDEPENDÊNCIA

Quando soube da nomeação de Joaquim Nabuco para o cargo de nosso embaixador junto aos Estados Unidos, Capistrano de Abreu, tido como o príncipe da História Pátria, afirmou: é branco, é rico, é bonito, é inteligente . . .

É a pessoa mais indicada para dar uma falsa idéia do Brasil!

Tomando conhecimento das inusitadas e ostensivas demonstrações de civismo dos festejos do sesquicentenário da nossa emancipação política, com que foram recebidos no dia 21 de Abril os despojos do nosso primeiro Imperante, D. Pedro I, forjando inclusive, uma destorcida auréola de herói em torno da pessoa do arrogante príncipe bragantino, na qualidade de um estudioso da nossa história, sinto a necessidade de parodiar o insigne autor da nossa Constituição Mínima, e afirmar: era português de origem e coração, era um déspota por temperamento, um recolonizador por

injunções políticas . . .

Era o mais indicado para dar uma falsa idéia da nossa Independência. Se as legítimas intenções eram apenas comemorar o transcurso de século e meio da nossa alforria política, nada mais salutar em matéria de patriotismo, do que se utilizar da chamada, *prata de casa*. Bastaria voltar as atenções para Pernambuco: ali, naquele vetusto burgo nassoviano, comendo um dos mais autênticos patrimônios históricos da nacionalidade, existe uma galeria genuinamente nacional, de verdadeiros patriotas, de legítimos heróis. Refiro-me, com a mais profunda admiração e respeito,



Frei Caneca

aos bravos das epopéias nativistas de 1817 e da Confederação do Equador: Frei Joaquim do Amor Divino Caneca.

Padre Miguelinho, Padre Tenório, Padre Roma, Domingos Jorge Martins e outros, que pagaram com o seu sangue, com o sacrifício de suas

ilustres vidas, o direito de comemorarmos o sesquicentenário da nossa Independência.

Não se tornam necessários fortes conhecimentos de História Pátria, para se chegar à conclusão de que foram nas vetustas ruas, nas tradicionais pontes, no



Dom Pedro I

interior das históricas fortalezas da tradicional Mauricéia, que se forjaram com SANGUE, OFENSAS e HUMILHAÇÕES de toda espécie, os sólidos alicerces da nossa soberania política, onde se escreveram as mais expressivas páginas da nossa independência.

O BRASIL ESQUECEU SEUS MÁRTIRES

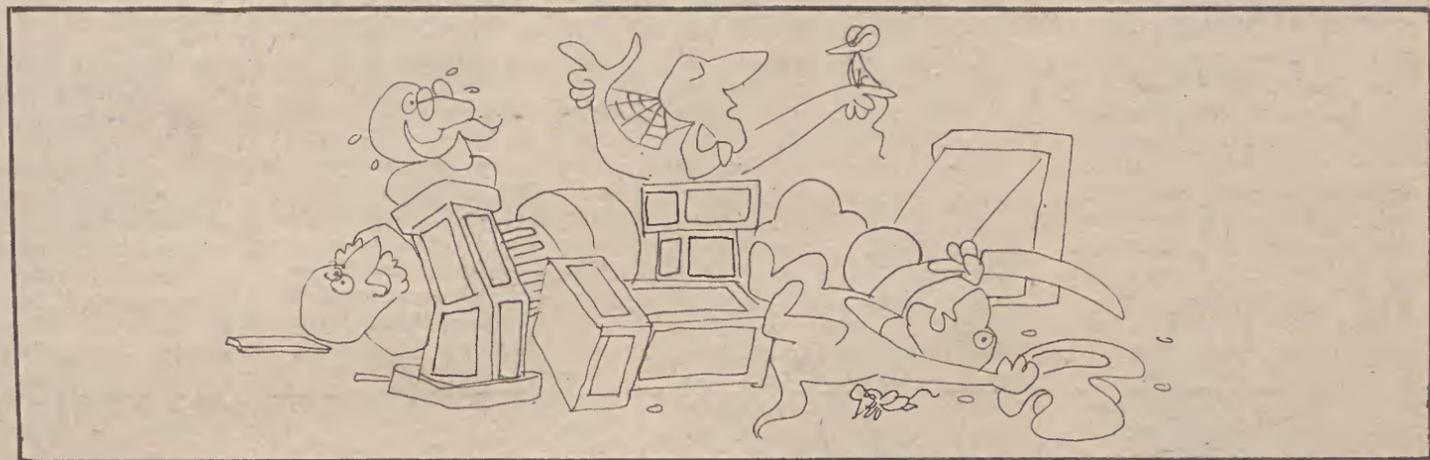
**O BRASIL
ESQUECEU SEUS
MÁRTIRES**

O visconde de Inhomirim fez um relato de como se processou o "julgamento" do frei Caneca e nele provou que o príncipe ameaçou e corrompeu a todos

**Em 1817, o
temor dos
patriotas
era só a
posteridade**

Armitage, com a imparcialidade, com aquele poder de observação que o tornaria um dos mestres mais lúcidos e preferidos da nossa História, reconhece que em Pernambuco o sentimento da independência, era mais forte do que em nenhuma outra cidade do Brasil. Em verdade, a Revolução Pernambucana de 1817, não era mais a simples expressão de uma rebeldia regional: ela foi a primeira tentativa séria de uma autêntica redenção política; o primeiro ato de um drama sério que infelizmente, as circunstâncias mais tarde, em 1822, transformariam em uma ópera-bufa, numa primorosa barganha efetuada entre príncipes bragantinos. Hão de convir certos historiadores e escribas lusófilos da nossa história (Porto Seguro e seus discípulos) que um grito histérico (produto de uma explosão temperamental, de um príncipe esquizofrênico) e uma seqüência de confabulações maquiavélicas, bem engendradas e bem sucedidas nesses sombrios corredores de uma sociedade secreta (a Maçonaria) representam muito pouco, deixam muito a desejar como um processo autêntico de emancipação política. A pureza de ideais, a firmeza de princípios, o sangue dos mártires que servem para legitimar esses movimentos liberticidas, a meia dúzia de intelectuais pernambucanos (monarquistas e ultramontanos emperdenidos) que solicitou uma passeata cívica das cinzas imperiais no Recife, não vai encontrar na figura de um príncipe despótico e recolonizador e no seu gesto de ribalta às margens do Ipiranga, mas às margens do Capibaribe, na figura de um sacerdote modesto, pacifista por temperamento, democrata por convicção, homem de muita fé e amor pelas coisas do Brasil e de seu povo!

Apenas como lembrete aos desmemoriados: Frei Caneca e seu bravos compatriotas, no dia 6 de março de 1817, foram acorrentados



**Os revolucionários
de Pernambuco lutaram pela nossa
redenção política .**

pelos pés, mãos e pescoço e conduzidos como feras indomáveis e pestilentas ao cadafalso, acusados pelo crime de lesa-majestade, isto é, pelo crime de pretenderem libertar a colônia do jugo servil, despótico e tirânico que a dinastia bragantina exercia à época sobre o Brasil e os brasileiros! O insuspeito Visconde de Inhomirim, o famoso Sales Torres Homem, que nunca foi acusado de subversão ou anti-monarquismo, faz esse depoimento bastante elucidativo e que nos dá um retrato de corpo inteiro da verdadeira personalidade do príncipe e do nosso falecido Chefe de Estado: "... depois da devastação militar, vem a procissão dos carrascos. Patíbulos, e vítimas, sedentos de ódio e vingança; o príncipe invade o Santuário da Justiça para exigir a cabeça de seus súditos: grita, ruga, ameaça, seduz, corrompe..."

Sobejas razões tem o sociólogo e líder católico, Tristão de Ataíde, em seu artigo publicado no **Jornal do Brasil**, intitulado: **Comemoração ou Rememoração**, em afirmar: "a passeata cívica dos despojos de D. Pedro I, pelos quatro cantos do Brasil, é um ato grotesco, funéreo, irreverente, que ultrapassa as raías do inverossímil"... Poder-se-ia, acrescentar às referidas afirmações, sem perigo de incidir em erros ou exageros, que essas insólitas demonstrações de civismo à memória do nosso primeiro Imperante são, antes de tudo, uma autêntica **Journée des dupes**", dos nossos sentimentos nacionalistas, uma autêntica poluição da Pátria, uma vez que,

sobre o sangue dos inconfidentes, dos bravos mártires das epopéias nativistas de 1817 e 1824, pairou a ira dos opressores bragantinos.

Mesmo admitindo que o Brasil é o país das meras coincidências (na opinião do jornalista Sebastião Nery), é de causar espécie que essa apoteose a D. Pedro I só acontecer nesses tempos institucionais em que vivemos, tão escassos de liberdades e de exercício da democracia. Evidentemente, por trás do imperial esquife (nesse caso funcionando como simples biombo) talvez exista algo mais interessante e mais importante para os idealizadores e promotores dos referidos festejos.

Quando as estridentes fanfarras, as ensurdecedoras salvas de morteiros e o cadenciar ritmado das tropas, enfim todo um aparato bélico anunciaram a chegada do féretro bragantino, a maioria do povo brasileiro, nacionalista e democrata por convicção, por uma triste ironia da vida, estava (a contragosto) rememorando os obscuros tempos que antecederam a nossa independência, o nefasto despotismo bragantino, que nos legou uma gama infinita de desgraças, a mais trágica herança que se possa deixar a um povo: o subdesenvolvimento econômico, político, e cultural!...

Padre Tenório, um dos mártires da Revolução Pernambucana de 1817, cujos despojos não tiveram a feliz sorte das cinzas do seu carrasco bragantino, pois ficaram insepostos (a cabeça apodreceu num posto em Itamaracá, as mãos foram parar em Goiana), talvez prevendo a inu-

tilidade de seu idealismo, de seu patriotismo, desconfiado possivelmente do reconhecimento da Pátria, ao ser conduzido ao cadafalso, onde seria esquartejado, afirmou: "Pernambucos ouvi-me! A morte não me apavora, não me altera, não me aterra, pois morro por um ideal; o que me preocupa, porém, é o julgamento da posteridade..."

Em desagravo à memória dos patriotas de 1817 e 1824, que, possivelmente em dias de maio, serão humilhados e ofendidos com a presença em seu torrão natal de seu perverso e frio algoz, coloco nota zero em Moral e Cívica nos intelectuais pernambucanos (professores universitários, de idéias primárias) pela insólita demonstração de antibrasilidade que tiveram ao promover uma passeata cívica dos despojos de Pedro I, nas ruas de Recife, chão sagrado da nacionalidade!

Em tempo: acabo de ser informado pelo insigne mestre e amigo Barbosa Lima Sobrinho, que o Instituto Histórico de Pernambuco, guardião do mais respeitável e valioso patrimônio histórico da nacionalidade, em nota distribuída à imprensa, recusou-se a tomar conhecimento da chegada dos despojos de Pedro I, ao Recife, inclusive não comparecendo à passeata cívica, realizada naquela cidade no dia 11 de maio.

Atitude digna e altamente louvável, provando que nem tudo está perdido nesse confuso reino da Dinamarca!...

O país da utopia

Em seu último long-play, o Tim Maia canta uma música de sua autoria, uma tal de Meu País, onde louva a nãoexistência de discriminação racial no Brasil. Ou o Tim Maia está por fora ou é mais cínico que um amigo da gente, que diz que aqui não há preconceito racial porque o preto sabe o seu lugar.

A verdade, no entanto, é bem outra. E o Nery pode falar de cadeira, já que, em sua coluna da Tribuna, denunciou a prática ilegal e imoral de discriminação. Assim, de duas uma: ou a discriminação não alcança aos que alcançaram a fama e o sucesso ou o nosso amigo Tim Maia se machucou, seriamente.



Editorial

1 - "Em um País sem partidos e sem idéias, o medo e o interesse são os grandes agentes dos acontecimentos políticos".

2 - "O movimento de novembro (revolução de 1935) foi militar, uma vez que o elemento civil não participou praticamente da ação. O teu ministro e a polícia começaram a prender civis, professores, mulheres, enfim, a dar líderes e proporções ao movimento, contrariando a finalidade mesma do governo no seu dever de resguardar o povo de inquietações alardes e sustos".

3 - "A coisa tomou proporções tais que, em dado momento, justamente porque respondi a uma carta de d. laia, cheguei a temer que me apontassem entre os comunistas brasileiros. Cheguei a receber avisos amigos..."

4 - "Esta gente, não tendo mais que fazer, deleita-se lendo a minha correspondência. Não tem o caso importância pessoal. Tem, porém, uma grande significação como sintoma da atmosfera que se está criando em nosso País."

5 - "Foram apontados, e até presos como comunistas, deputados supernacionalistas. Não é tudo. Os professores de Direito e Medicina foram presos como autores morais de novembro! Mas, Getúlio, tudo

isso ou é inconsciência ou loucura, ou maldade de teu ministro e dos teus policiais. Em que influíram esses professores ou esses deputados no ânimo dos militares que tomaram parte no movimento? É irrisório atribuir-lhe responsabilidade."

6 - "E, depois, que tem a ver o Exército ou a Marinha com o debate de idéias entre civis? Quem entra para as armas tem deveres especiais. Entre estes, avulta o de defender e sustentar as instituições. Pode fora, no mundo civil, ser agitada toda e qualquer idéia. Se aqueles, porém, a quem entregamos as nossas armas, mantêm-se fiéis ao seu dever, se entre eles é conservada a disciplina, em nada afetaria a ordem interna do País a discussão dos que não têm armas."

7 - "Neste caminho, meu caro Getúlio, teremos amanhã uma revolução religiosa ou científica no Exército ou na Marinha, como já tivemos a da vacina, e os responsabilizados serão sempre os civis, os sábios, os padres e as freiras, os pintores e até os poetas."

8 - "Isso raia pelo disparate, sobremodo quando ao que me dizem, o ministro da Guerra escreve ao presidente da Câmara pondo em pé de igualdade, em matéria política, um deputado, um cidadão e um soldado! Enquanto não houver uma reação capaz de pôr no Brasil cada um

em seu lugar, mesmo o esforço de homens como tu será inútil."

9 - "Não creio, Getúlio, que possas concordar com tantos desacertos, cujos resultados são vivermos hoje de incertezas e sobressaltos. O nosso problema é por ordem nas classes armadas e deixar ao livre jogo das idéias a evolução política de nosso País. Não creio no bom resultado do que se está fazendo atualmente em nosso País. Creio que só pode aumentar a confusão, a anarquia e os ódios."

10 - "A minha correspondência é toda censurada. Eu não tenho segredo. Mas, Getúlio, quanto à atmosfera, é de desconfiança profunda e geral, e nem ao menos os altos agentes do governo inspiram confiança. A situação não pode ser julgada favorável."

11 - "Devo antecipar que não me é possível continuar a representar o Brasil neste País, por forma eficiente, porque nem seu governo nem seu povo poderão, como anteriormente, acreditar nas minhas afirmações e nas minhas informações. Pode-se enganar a poucos por muito tempo e a muitos por pouco tempo, mas é absolutamente impossível enganar sempre a todos".

12 - "Não concordo, antes condeno, o que se fez em nosso País e mais ainda o que se pre-

tende fazer, de que é indicado claramente à nova Constituição. Deponho, assim, em tuas mãos, de forma indeclinável, a minha renúncia."

13 - "Não posso concordar com uma Constituição feita por um anormal, sem norma, sem regra. Isto vai ser um chiqueiro. Esta Constituição é um atentado à liberdade. Eu aprovo o golpe de Estado, mas não a Constituição. Torna-me um escravo, desrespeita todas as tradições do povo que lutou 100 anos para a sua liberdade. Não posso concordar em receber uma carta de escravidão, uma Constituição que elimina o voto, que elimina tudo e que tudo legisla contra a liberdade." (Oswaldo Aranha - Carta de Washington, onde era embaixador do Brasil, a Getúlio Vargas, em 1937).

O atentado, segundo Caó



Quando viu os jornais estamparem manchetes sobre o atentado ao governador George Wallace, Epitácio Caó entrou na redação ofegante:

- Eu não disse? Eu não disse? A CIA conseguiu tirar o Vietnã, num passe de mágica, das manchetes dos jornais do mundo. Os americanos são os maiores em comunicação.

Ruy Santos ou um parnasiano aqui mesmo

O senador Rui Santos, conhecido entre os íntimos como Ruy Bonito, além de prosador de virgens méritos, também costuma perpetrar versos de contrapeso.

Esta semana, no Senado, corria entre os seus pares um versinho ginasiano escrito por Ruy Santos, vice-líder da ARENA, no governo Castelo, quando as tropas brasileiras foram para a República Dominicana:

"Ó soldado, ó legionário, do nosso bravo corpo expedicionário.

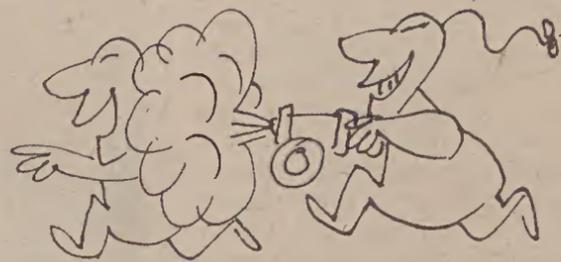
Aonde vais lutar? A êsmo?

A luta é cruenta e fria. Mas se é pela democracia, comecemos aqui mesmo".

**Confabulações
Urbi et Orbe**



Nixon foi a Moscou discutir com os dirigentes soviéticos a paz ou a guerra, dizem os jornais. Em Yalta e Teerã os grandes dividiram o mundo. Agora a coisa mudou. Novas potências apareceram no cenário internacional, a própria Alemanha está aí. O que eles podem discutir é um modus vivendi, mas novas divisões é bem difícil.



Wallace tem razão

A imprensa brasileira está necessitando de umas aulinhas de bom-senso ou de doses maciças de simancol. E para o pessoal não pensar que a gente está inventando, vejamos esta manchete publicada pelo Diário da Noite, de São Paulo, sob o tenebroso antetítulo: gigantescos laboratórios da guerra bacteriológica sob o lago Talifu - NOS SUBTERRÂNEOS DA CHINA, PREPARAM-SE AS ARMAS PARA O EXTERMINIO DA RAÇA BRANCA. E depois ainda vem o pessoal e picha o Wallace. Ora, ele estava, apenas, salvando sua pele do perigo amarelo. E estamos conversados.

O preço

Rubens Costa, presidente do Banco Nacional de Habitação, foi presidir uma das sessões do Seminário de Cientistas Políticos, no Hotel Nacional, e recebeu uma saudação entusiasta do professor Candido Mendes de Almeida, que terminou assim:

— O economista Rubens Costa sabe que as referências aqui feitas a sua competência profissional são tanto mais sinceras quanto não custam um tostão.

Rubens Costa respondeu assim:

— Agradeço as palavras do professor Candido Mendes. Quanto a ele dizer que os elogios não custam nada, quero apenas contar a vocês que, na última vez em que almoçamos juntos, ele me apresentou um programa de trabalho, para o BNH financiar, no valor de 1 milhão de dólares. Já estou imaginando que, no próximo almoço, o programa vai passar para 2 milhões de dólares.

O salão caiu na gargalhada.



Santa Arena



Eurípedes Alves da Mota, Olon Deon de Souza Montanha e Edmundo Rodrigues foram condenados, em Teresina, por fraude eleitoral nas eleições de 1970. O primeiro era prefeito da cidade de Hugo Napoleão e os outros dois chefes políticos do Piauí. E, por coincidência, os três pertenciam aos quadros da Arena.

O cacique da Gaiola



O vice-líder do doutor Chagas Freitas na Assembleia Legislativa da Guanabara está honrando a capacidade intelectual e operacional do governador. E para tanto, culminando uma série de projetos totalmente apresentados, Hilton Gama fez um requerimento no sentido de que o ministro da Fazenda, Delfim Neto, interfira junto aos vendedores de cafezinho no Maracanã, sob a alegação de preços extorsivos.

Ora, major Hilton Gama, não foi para isso que o povo o elegeu. Ademais, passar um diploma público de incompetência fica um tanto cacete, mesmo porque o ministro Delfim Neto não é a pessoa indicada para a providência solicitada. Peça ao seu líder, Hilton. Ele pode re-

solver, se quiser sair do imobilismo em que está, há mais de um ano.

Em tempo: o major Hilton Gama é um lídimo representante do Festival de Besteira que tomou conta da famosa Gaiola de Ouro e sucessor, por merecimento e contumácia, do deputado Índio do Brasil.

A perdição das ovelhas



Cinco homens furiosos levaram a Polícia a interditar o Templo Deus é Amor, da Igreja Pentecostal, em Belo Horizonte. E sabem por que? Por falta de esportividade. Vejam só: o pastor João Lopes, preocupado com a saúde de uma de suas ovelhas, a mulher de um dos queixosos, disse-lhe que era fundamental a aplicação de certos comprimidos, em lugar — do corpo, gente do corpo — a ser combinado posteriormente.

Os homens, não acreditando muito nesse negócio de Deus é amor, e pensando, muito justamente, que o pastor é que queria amor, botaram a boca no trombone, mesmo porque o santo homem só gostava de dar consulta a mulheres, trancando-se com elas em um quarto.

A gente tem visto muita coisa, mas essa de Deus ser chamado de João, é a primeira que aparece. Enfim, pode ser, não?

Índices manipulados



O Instituto de Pesquisas Econômicas de Minas Gerais tem uma publicação mensal, na qual mostra a variação dos índices de custo de vida. Por incrível que possa ser, os números, todos os meses, são conflitantes com os da Fundação Getúlio Vargas. Mas isto não tem muita importância. Ou tem?

O que interessa é o seguinte: para o cálculo do aumento do custo de vida são computados, entre outros, os seguintes elementos, considerados na média final — camarão, leite em pó, chocolate, geléias, sabão de barba, loção e água de colônia, penteados, manicura, faqueiro de aço, aspirador de pó, liquidificador, jóias, cambraia, seda, etc.

Ora bolas, é por essa e por outras que o pessoal garante que os trabalhadores-salário-mínimo podem viver. Também, computando esse material todo — melhor seria dizer, manipulando — torna-se bastante fácil a comprovação de que habeas corpus não é corpus cristi. Vocês já imaginaram um trabalhador-salário-mínimo comendo camarão e usando jóias; comprando um faqueiro completo e se vestindo de seda pura?

Gozação, não. Como diria o Chico Anísio.

O processo infundado



Quando a Bolsa estava cheia e os Fundos ainda não furados, o City Bank publicou em São Paulo anúncio em que um pai confessava que o filho, economista inexperiente, o aconse-

O mau caráter



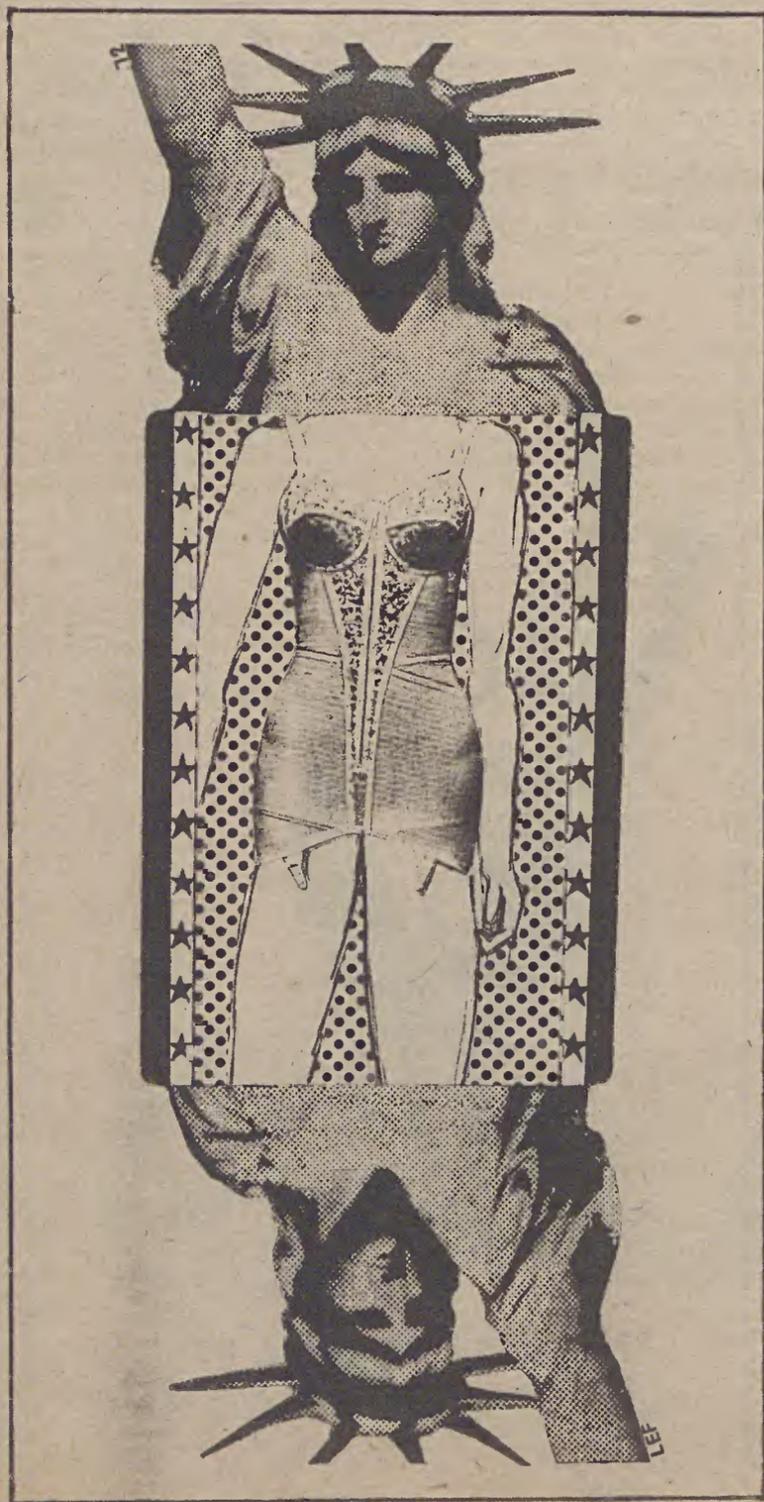
Vocês têm visto o Sérgio Bitencourt na televisão ou lido sua coluna em O Globo? Caramba, gente, o moço está fazendo tudo para merecer o troféu O Mau Caráter do Ano. E parece que desta vez é não vai ter ninguém que o atrapalhe. Vá pichar os companheiros assim no inferno!



Dona Jaquii Davison, que não perderia o concurso de a Avó Mais Jovem do Mundo, num dos Chacrinhas da vida, luta pelo retorno do homem à divindade.

Cecília Prada

A VOLTA AO PATRIARCADO



Nesta era de sem-tempos (cem), ler o jornal é uma frustração contínua: moda correndo, saias que vão e que vem, subindo, descendo, cabelo, curto, comprido, cabeça rapada; leituras, impossível a atualização, há sempre mais livros, mais e mais informações, e quanto às notícias, *bergsonicamente* já não são, ao tempo mesmo em que são lidas. Sem contar o amigo que morreu, sem a gente ter tido tempo de dizer-lhe o quanto era amado. Mas, numa destas manhãs um telegrama vindo do Arizona deixou-me particularmente frustrada e inferiorizada: dona Jaquii Davison, de 34 anos, mãe de sete filhos e avó, espera 10 milhões de adeptas para o seu *Movimento pela Felicidade Feminina*, contrário ao *Women's Lib*. "A doutrina Davison prega o retorno do homem ao seu posto de chefe da família, que lhe pertence por

direito divino; o abandono da educação sexual nas escolas; o ensino às nossas filhas da verdadeira feminilidade; e um dos mandamentos prescreve: preservarás a tua feminilidade, pois há uma grande diferença entre o masculino e o feminino, o que será uma fonte de inspiração para a virilidade e o espírito cavalheiresco de seu homem". Meu Deus, que frustração, dona Jaquii sai, de cara, ganhando disparada de mim, que, sem ter mais 34 anos, não tenho sequer os sete filhos, quanto mais ser avó. Essa prole bíblica e proliferante já lhe garantirá, e às suas adeptas, a vitória numérica absoluta (sem contar o título de *A Mais Jovem Avó do Mundo*, no programa do Chacrinha). O nome do movimento é outra parada dura: quem é que vai querer, nesta guerra civil feminina, ser do *Women's Lib*, podendo ser *pela Felicidade Feminina*? — nem eu, dona Jaquii, que em matéria de felicidade, nenhuma sugestão é em demasia. Mas, se além de todas essas vantagens a senhora ainda vem do Arizona (com o seu *colt*?) para conceder aos maridos

direito divino, quem poderá com a senhora? Já não digo eu que, de cara, desisto; mas nem Simone de Beauvoir, Betty Friedan, Germaine Greer, Glória Steinem (com sua beleza) e, muito menos, as patrícias brasileiras — que em matéria de marido quando muito, acham que é o *Abreu que sabe*, que o amo e senhor é merecedor de roupinha lavada em cima da cama, depois do banho, e que é também naturalmente dono absoluto das decisões "de onde moraremos, passaremos as férias e o que faremos como programa de vida, nós e nossos filhos e netos". Mas olhe, esse negócio de *direito divino*, acho que nem o Millôr Fernandes (meus cumprimentos telefônicos, e ele sabe porque) bolou ainda, nas crônicas em que, peço submissamente vênias para citar, "mulher não serve nem para a cosinha, porque os grandes cosinheiros são homens, ha!ha!".



A VOLTA AO PATRIARCADO

Esse negócio de feminilidade é meio encucante. Tanto que o Lib's Women não consegue dar sua verdadeira dimensão. E a teoria-Davison não diz nada.

POLITIKA

15

alforria

No momento em que as mulheres pretendem ser, dona Jaquii quer reviver o machão

Colegas-mulheres, a convocação é geral, o páreo vai ser duro: aprestemo-nos. A concorrência da bíblica vovó exige, pelo menos, uma revisão geral em nossa feminilidade. Começo a correr, agarro meu espelho, espelho, espelinho meu... — serei inteiramente mulher? (mas eu uso pantalonas, dona Jaquii!), por via das dúvidas, desenterro a certidão de nascimento, ah, tá aqui, "uma criança de cor branca, do sexo feminino", mas continuo pensando, "mas o que é ser mulher?", e Dr. Freud diz que todos temos nossos elementos ambivalentes, "o que é ser feminina?"... mas aí de mim que já estou violando as leis e os costumes, ou minha própria natureza biológica, tá definido que mulher não pensa, indagações filosóficas são do domínio dos homens, deverei depressa voltar às receitas culinárias... de que? Ah, achei. Do cuscus paulista, dona Jaquii, aposto que eu ganho da senhora! (ou deverei convidar o colega Millôr para prová-lo? — sem pretensões, sem pretensões, Millôr, a minha constituição biológica impede-me de aspirar ao título de mestre cuca). Mas teimosamente continuo a pensar — mania! — "parece que além de não termos habilidades culinárias também somos seres desprovidos de alma"... Ah, não, não, isso os Padres da Igreja já resolveram por nós no Concílio de Trento, em 1194 — que alívio! Hoje, tão só decidindo (remexendo seus caldeirões), quantas vezes por mês devemos dormir com nossos maridos e nossos problemas ginecológicos de pílula, não-pílula etc. No que aproveito o ensejo para agradecer-lhes o interesse e o trabalho que estão tendo, mas afinal se alguém quer mesmo pensar e decidir por nós, porque não aproveitar a folga? Alertando-os, porém, para o perigo que vem aí: dispensadas de pensar nos nossos problemas ginecológicos, poderemos, como a colega grega Lysistrata, começar a pensar no domínio político das mulheres (Ah, mas ia me esquecendo que os Padres da Igreja não podem ler Aristóteles, que tá no Index por obscenidade, desde antes da Igreja ser inventada).

No que penso: por falar em concílios e essas coisas, porque não levar a exame de um Vaticano III a proposta de dona Jaquii: "Serão os esposos constituídos por direito divino?". Olhe, dona Jaquii, quem era de direito divino eram alguns reis, e acabaram cortando a cabeça deles. E por favor, nessa história de homem eu sou muito radical: o quanto menos se falar em cortar, melhor. Brincadeira tem hora.

Pois é. Esse negócio de feminilidade é meio encucante. Minha mãe, por exemplo, ao transmitir-me (numa bíblica antecipação dos conselhos de dona Jaquii) os seus conceitos de feminilidade, equiparava escritoras a prostitutas, "vide Georges Sand e sua vida depravada" etc. Eu teimei, tou aqui escrevendo. No tempo de Aristóteles, as mulheres tinham menos dentes do que os homens; mas deve naturalmente ter aparecido alguma doutora Romi Medeiros grega, lutando pela equiparação das dentaduras. As mulheres femininas da Renascença usavam ancas e celulite, o que hoje é absolutamente out. As mulheres femininas de algumas tribos africanas usam o lábio e os seios pendentes; mas quanto aos seios da raça branca, os costureiros, e os padres da Igreja não chegaram ainda, ao que parece, à doutrina estabelecida — se devemos tê-los insuflados à maneira da Lolô ou cortados à moda das Amazonas. E o eminente doutor Pitangui, de bisturi e balão em punho, abstém-se de entrar no mérito da questão, apenas cortando ou insuflando, segundo os ditames dos mais autorizados. E a Bíblia... sim, sim consultemos a Bíblia, vamos ao índice remissivo, seios, seios femininos... ah! Salomão, naturalmente, mas mesmo ele parece que não esteve bem certo, ora compara-os "a filhotes gêmeos de uma gazela", ora a "cachos de uva". O que, convenhamos, é muito confuso quanto ao tamanho e ao formato. Sem falar que, à moda da Renascença, também era "pela redondeza das ancas". E que louvava o "talhe de palmeira" da bem-amada, o que de um golpe exclui todas as baixinhas dos padrões bíblicos de feminilidade.

Saindo do campo físico para os dos costumes, dona Jaquii, ih! parece que a confusão anda muito grande mesmo, e nisto estou com a senhora: devemos fazer como nas igrejas de interior, os homens de um lado, as mulheres de outro. Mas aqui também, os autores parecem divergir. Os autores, a geografia, a sociologia. Olhe: nos livros de boas maneiras do século passado "a mulher honesta e feminina nunca expõe o tornozelo aos olhares masculinos" (o meu, né, tá mais que visto, e o seu?). Num Manual de Moral e Cívica do nosso país-berço e equiparado, nosso querido Portugal, encontro: "A menina de família nunca exprime opiniões em público; limita-se a, polida e femininamente, concordar com as que são emitidas" — como é, cara colega, eu tou aqui exprimindo ou espremendo as minhas, e quanto às suas meus respeitos, vêm até telegrafadas! O que indica que, segundo os padrões lusos ou não somos polidas e femininas ou não somos "meninas de família". As mulheres femininas das ilhas Falkland, se não me engano, têm o interessante hábito de cultivarem vários maridos (de direito divino?) simultaneamente, guardando para si todos os filhos e tomando por eles todas as decisões. E sem ir tão longe: no seu país são os maridos que usam avental, lavam a louça, servem o breakfast às mulheres na cama; aqui no trópico, é ao contrário. Tem outras coisas... olhe, há questão de uns 10 ou 15 anos, Sua Reverendíssima o Bispo de Bragança Paulista, minha terra, distribuía excomunhão a torto e direito — ou, pela concordância, eu deveria dizer a torta e direita? — às moças que usassem calças (compridas, quero dizer) e que imoralmente freqüentassem a piscina mista do Grêmio Recreativo e Literário Bragantino. Excomunhão mesmo, não fazia por menos. Baseava-se, como a senhora, nos padrões bíblicos de "cada sexo com os seus trajes" etc. Discriminando assim, não só os 200 milhões de mulheres chinesas (mas a China, afinal, como todo mundo sabe, é um país excomungado de natura, e às avessas), mas os escoceses, os indus... e os próprios pa-



Betty Friedan

Mulheres querem a liberdade

triarcas bíblicos com suas grandes túnicas (af tá uma coisa) que eu queria ver, o Noé, o Aarão, Salomão, Moisés, S. Paulo e todos os próprios patriarcas bíblicos com suas grande túnicas (ai tá uma coisa que eu queria ver, o Noé, o Abraão, Salomão, Moisés, S. Paulo e todos os Apóstolos... e — cala-te boca! — pois é, né, todo mundo excomungado por usar saia!). E tratando-se de um Bispo anterior à adoção do clergyman, seria uma excomunhão autocontundente, é claro!

No referente ao outro importante item da doutrina Davison, encontro-me numa perplexidade toda pessoal e peço aos mais esclarecidos que dêem a sua contribuição para resolvê-la; não tendo filhas, terei de, correspondentemente, transmitir a meus dois machozinhos (que contam só comigo), padrões de virilidade, certo? Mas se, ao que parece, sou e devo ser exclusivamente feminina, como, sem transformá-los em confusos, transmitir-lhes meus padrões? Ou como, sem deixar de ser feminina, participar dos interesses tipicamente masculinos, dos privilégios de pensar, ser inteligente, escrever, trabalhar, lutar judô, ir a jogo de futebol? (Ah, sim, e ser grande cozinheiro, eu ia esquecendo)



Os livros de anatomia dizem, no Brasil, que o homem só tem três aparelhos: circulatório, respiratório e digestivo. E a dúvida fica: onde a reprodução?

A VOLTA AO PATRIARCADO

Desde o Antigo Mandamento, já se fala da mulher como objeto insignificante, sem direitos, só com deveres.

"Abolir a educação sexual nas escolas". Nisto sinto-me perfeitamente tranqüila. Olhe, dona Jaquii, não generalize. Nem todos os países são corruptos como o seu, com professores desavergonhados ensinando safadezas às inocentes criancinhas. Há países em que a moralidade — Deus seja louvado! — ainda é sadia e eficientemente preservada. Os livros de ciências de meus filhos, por exemplo, ensinam que: "o homem é dotado de três aparelhos ou sistemas: o circulatório, o respiratório e o digestivo". No Brasil, portanto — para sempre seja louvado! — o homem não se reproduz. Tranqüilize-se, dona Jaquii, o mundo não está de todo perdido. Posso assegurar-lhe também que tanto a minha educação como a minha feminilidade não permitem que eu "toque nessas coisas sujas" com os pobrezinhos. Assim, o caçula, de oito anos, sabe que foi trazido por uma cegonha de bico cor-de-rosa, que fez assim, **toc-toc**, na janelinha da Mamãe. O mais velho, devendo, nos seus dez anos, estar mais preparado para a vida, recebeu naturalmente uma versão mais adequada e realista: foi encontrado num repolho todo verdinho, bem no meio da horta do meu apartamento de Copacabana.

Mas voltemos à Bíblia e à teoria "do direito divino dos esposos". A mais jovem avó do mundo, de **colt** na cintura e tudo, quer esmagar-me com os seus milênios de autoridade, mas olhe dona Jaquii, eu também, por motivos de infância, conheço bem meus patriarcazinhos e Santos Padres, vamos a eles. De saída uma confusão, o despacho telegráfico fala em **mandamento**. No meu tempo, eram só dez, mas podem ter aumentado. Afinal, os últimos concílios ficaram de bem com os protestantes, aboliram com um decreto o Limbo e Santa Philomena — no que não somente fizeram sujeira com a Philomena Gebran, destituindo-a de padroeira, mas criaram o importantíssimo problema de se saber o que foi feito da alma de Adão; — introduziram o vernáculo e o **rock** nas igrejas, os judeus já não são taxados de **perfidii judacorum**... quem sabe se não aumentaram os mandamentos sem que eu soubesse? Vejamos,

vejamos... Gênesis... Exodus... tá tudo aqui, sim, sim, a Sarsa Ardente, Moisés com as barbas de molho e **perché non parla** e todas essas coisas, ué! os mandamentos continuam dez e os mesmos, essa história de masculino-feminino é filme de Godard, a senhora deve ter feito alguma confusão, dona Jaquii... Não, já sei, **mandamento** aqui está por **preceito, ensinamento**, etc, não tem nada a ver com a fogueira do Sinai. É sim, dona Jaquii, tá tudo aqui. Tá **muíto** aqui! Como a Bíblia se ocupa de mulheres, dona Jaquii, isto é até um escândalo! Sempre dizendo que não temos a mínima importância (que nem o Millôr), que não somos senão o complemento do homem e que somos mais malvadas do que a madrasta da Branca de Neve, mas como os velhinhos gastaram pergaminho e sangue de boi para falar deste **objeto insignificante!** É sim, não tou mentindo, tá tudo aí para quem quiser ver:

Já no Antigo:

"É pela mulher que o pecado começou, e é por sua causa que nós todos morreremos".

(Ecles.9-33)

"Um homem mau vale mais do que uma mulher que faz o bem"

(Idem, 42-14)

"A tristeza do coração é uma calamidade universal,

E a maldade feminina é uma maldade consumada".

(Idem, 25-17)

Entre parênteses: tem aqui na Bíblia uns conselhos muito úteis, tou achando:

"Envergonha-te de por os cotovelos sobre a mesa"...

(Ecles. 41-24).

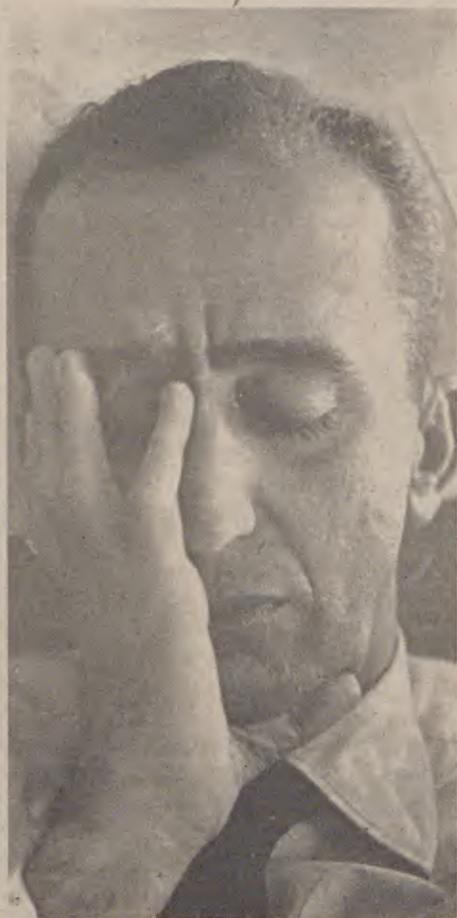
e "Se foste obrigado a comer em demasia,

Levanta-te e vomita, que isto te aliviará"

(Idem, 31-25)

Mas naturalmente isto era antes da invenção do Alka-Seltzer. Fecha parênteses.

Mas nada de rodeios e devaneios, porque se se começar a comentar, na Bíblia tem de tudo. Chegemos logo ao Novo Testamento, exatamente a São Paulo, que tá aqui com todas as letras, dona Jaquii tem to-



Milor Fernandes

da razão!

"...Quero que saibais que o chefe de todo homem é o Cristo" (isto, foi depois dele ter feito o Cursilho); "e **que o chefe da mulher é o homem... Pois o homem é a imagem e o resplendor de Deus, enquanto que a mulher é o resplendor do homem**" (Coríntios, 11-3 e 7).

São Pedro também não faz por menos. Fala das "mulheres submissas a seus maridos... como Sara que obedecia a Abraão, tratando-o de senhor" (Primeira Epíst. 3)

Mas a Bíblia é vasta e sua sabedoria transborda desta minha escassa crônica e nos inunda — não esqueçamos que somos, todos, (também nossos irmãos homens) herdeiros e consequência viva da tradição judaico-cristã.

No que pediria licença à Sra. Davison para encaminhar a sua doutrina ao Congresso de Mulheres. Para exame detalhado e debate. A co-

meçar pelo versículo que, acho, poderia dar um grilo até na cuca arizoniana de dona Jaquii:

"A mulher viril faz a alegria do seu marido;

ela verterá a paz nos anos da sua vida".

(Ecles.26,2).

E essa agora, dona Jaquii! A Bíblia era pelas paraíbas, onde tamos nós?!

Mas numa edição francesa encontro **la femme forte**, em lugar de **viril** da tradução lusa. O que parece adequado, mas ainda assim confuso: forte como? Se somos, de acordo com os patriarcas e cronistas de todos os tempos, um modelo de burrice e fragilidade, como poderemos ser fortes? Ou teria querido Salomão dizer que devemos tomar Biotônico Fontoura três vezes por dia? Ou praticar halteres em vez do método Cooper?

Ou referir-se-ia eufemisticamente, a Bíblia, aos manequins 50?

Sim, é preciso esclarecer sem demora: a Bíblia tinha razão? Voltaremos, como as nossas avós e como, a bíblica Sara, a tratar nossos maridos de **Seo Silva, Seo Ferreira, Seo Abraão**, etc? Daremos aos nossos esposos, junto com a cueca dobrada em cima da cama, o **direito divino**? É a mulher viril a que faz a felicidade do homem? Ou a de talhe de palmeira ou a que tem seios em forma de cacho de uva?

Enfim — era a Bíblia pelo manequim 42 ou pelo 50?

(No que talvez se possa convocar os exegetas Saint-Laurent e Denner; ou invocar a alma dos defuntos patriarcas Balenciaga, Dior e Chanel).

Mas aqui termino, porque o pessoal da editoria (homens e conluiados com Pedro e Paulo e Moisés e Salomão e Milôr!), tão olhando feio para mim, e ordenando-me de parar.

E eu, para não desafiar a Bíblia — depressa: "...que a mulher escute as instruções em espírito de submissão. Eu não a autorizo nem a ensinar nem a mandar no homem: que ela se silencie" —, (São Paulo, Ep. a Timóteo, 2-9) obedeço.

**Medeiros
Lima**

Lourival Fontes não gostava de linsonjas. Por convicções inclinou-se para o fascismo. Foi socialista e acabou como amigo e admirador de Getúlio

LOURIVAL FONTES



Lourival Fontes

De Mussolini a Getúlio Vargas

Muito poucos homens, sem dispor de poder, conseguiram por tanto tempo exercer tão grande influência na vida brasileira, como Lourival Fontes. Natural de Sergipe, de origem extremamente humilde, advogado sem exercício da profissão, jornalista e escritor, manifestou cedo uma grande curiosidade e interesse pelos problemas sociais. Mais tarde, como muitos dos companheiros de geração, revelou uma total aversão pelos métodos e processos que caracterizavam a nossa vida republicana. Cético, descrente da democracia liberal, terminou por temperamento, por feito e por convicção, inclinando-se pelo fascismo, especialmente pelo Estado Corporativo, de Mussolini, por quem



Mussolini

nutriu especial admiração. Após a guerra, com nova visão do país e do mundo, voltou-se para as idéias socialistas. Curiosamente, no entanto, Lourival Fontes nunca conseguiu ser um político militante, um líder, um chefe de partido, um condutor de massas. Quando conhece Getúlio Vargas, em 1928, deixa-se seduzir pela sua figura e personalidade. A partir daí cria-se

uma relação muito íntima entre ambos, que só termina com a morte. É difícil saber até que ponto foram as influências de um sobre o outro. Mas o fato é que Lourival Fontes não se afastou da sombra do amigo, a cuja chefia se submeteu, mantendo para com ele uma fidelidade e uma solidariedade jamais negada ou desmentida. Temperamento forte, por vezes agressivo, detestando a lisonja ou a exibição pública, Lourival Fontes conservou-se todo o tempo à sombra, agindo e atuando nos bastidores em função dos interesses políticos permanentes ou ocasionais de Vargas, sem reivindicar qualquer parcela de influência sobre os acontecimentos. Esta



Getúlio

mesma discreção manteve durante nossas conversas, preferindo falar quase sempre em termos genéricos, evitando o detalhe comprometedor, mesmo quando se referia a pessoas pelas quais, por motivos supostos ou reais, guardava ressentimentos ou mágoa. Não abdicou nunca de suas idéias. Nisto era sempre firme. Fazia questão de proclamar sua fidelidade a Getúlio Vargas, ao Estado Novo,

à Ditadura, à Constituição de 10 de Novembro e aos sentimentos fascistas com que se iniciou na vida pública. Ao socialismo temperado dos últimos anos, Lourival Fontes foi levado muito mais pelo seu nacionalismo intransigente que pelas leituras de Marx ou de Lenine. É deste homem, admirável pela sua capacidade de afirmação e coerência, que em vida, quando na intimidade do poder, foi tantas vezes admirado, adulado e louvado, embora igualmente detestado, contraditado e combatido, a entrevista que hoje publicamos, resumo de demoradas conversas que mantivemos já no final de sua vida, no modesto apartamento a que se recolhera, então pobre e só.

ML: minha intenção, ao propor-lhe esta conversa, é a de fazer, através de sua experiência pessoal, um apanhado da vida brasileira, com seu passado e suas tendências. Seu conhecimento dos fatos e dos homens públicos, sua demorada convivência com o poder, num período dos mais agitados, sua passagem por postos da alta administração, a confiança que desfrutou do Presidente Vargas, tudo isto o situa numa posição excepcional. A esta altura de sua vida, quando já transpôs a casa dos sessenta, parece-me que não lhe será difícil ver as pessoas e os acontecimentos com uma boa dose de tolerância e de compreensão, sem que isto implique em excluir ou abdicar da paixão das idéias.

LF: Neste caso, poderemos começar por alguns dados biográficos.

ML: Não tracei nenhum roteiro especial. Mas suponho que este é um bom começo.

LF: Não nasci para dedicar-me às letras. Filho de uma família pobre, estava destinado à caixaria, com os meus outros irmãos. Éramos ao todo nove. Último dos rebentos, nasci após a morte de meu pai, que, na miséria, fora tentar a sorte na Amazônia. Ali foi apanhado pelo beribéri, regressando a Sergipe, onde tempos depois se suicidou. A extrema pobreza em que se encontrava minha mãe, levou-a a residir numa palhoça, onde fomos todos criados. Dessa época ficou-me na cabeça uma espécie de coroa, criada pela necessidade constante de carregar potes d'água para atender às necessidades domésticas. Quando nasci, minha mãe já estava arranchada, como se dizia. Era então agente do correio local, ganhando um salário de trinta mil réis por mês. Podia, assim, cuidar dos nove filhos, em casa. Guardo dessa fase de minha vida algumas recordações pitorescas. Lembro-me que quando se anunciava a aproximação da mala do Correio a população da vila mais próxima corria atrás do carteiro na esperança de receber uma carta, um bilhete, uma encomenda de parentes que havia emigrado para outras terras em busca de dias melhores. Se havia varíola nas redondezas, a correspondência, antes de distribuída, era passada na fumaça de estercó queimado de boi, na certeza de que assim se evitava a disseminação do mal. Naquela época, o Amazonas era tido como uma espécie de nova Canaã. Estávamos vivendo o período da borracha, como antes vivêramos o ciclo do ouro e do açúcar. Certa vez apareceu no Riachão do Dantas um homem que demonstrava alguns sinais de suposta riqueza. Bem falante, sua missão era a de aliciar trabalhadores para a Amazônia, onde dizia ser fácil enriquecer. Vi em consequência partirem muitos dos homens válidos da região, deixando mulheres e filhos, na esperança de um dia regressarem com fortuna ou pelo menos em condições de levarem vida mais tranqüila. Soube depois que todos foram dizimados pelas doenças, pela fome e pela miséria. Quando inauguraram a estrada de ferro na cidade de Buquim, onde nasceu o poeta Hermes Fontes, a três léguas do Riachão, o povo das imediações correu para presenciar o acontecimento. Assisti então a esta cena que jamais esqueci: uma mulher do povo ao



Lourival com Getúlio

Saindo de um socialismo que se formara quando ainda era criança, Lourival Fontes foi citado por Mussolini como um dos conhecedores do fascismo.

De Mussolini a Getúlio Vargas

Jamais abandonou o socialismo, porque nunca foi pela democracia à antiga

ver a máquina se aproximar da estação correu ao seu encontro, abraçando-se com ela e beijando-a. No auge do delírio foi dali retirada, mas quando se voltou mostrava a face deformada pelas queimaduras. Só mais tarde compreendi a significação desse curioso episódio. Toda aquela gente tinha maridos, filhos, tios, sobrinhos, parentes distantes, que havia anos tinham partido. Com a chegada do trem acreditavam que eles iam regressar à terra e ao convívio da família. Aos sete anos sabia ler e escrever. Arranjei um emprego com um marchante de carne, que me pagava dois mil réis por feira para selar o seu cavalo e tomar nota dos fiados. Como estudante, fui sempre o primeiro aluno da classe, o que não impedia de ser expulso dos colégios por onde andei em Riachão, Estância e Aracaju. O único curso que fiz normalmente foi o de Direito, pois não era obrigado a frequentar a Faculdade a não ser em dias de exame. Em Estância, provoquei, certa vez, um movimento armado contra o diretor do colégio. Este, que na ocasião se encontrava ausente, enfrentou-nos pessoalmente logo que tomou conhecimento dos fatos. Ele sabia que as nossas espingardas estavam carregadas de pólvora seca. Mas no momento em que percebeu que lhe encostei ao peito a sua própria arma, a única devidamente muniçada, ele recuou e propôs uma conciliação. Resisti, mas logo terminei cedendo. A paga foi minha expulsão do colégio. E esta foi também a primeira traição que sofri na vida. Mudei-me para Aracaju, mas sem pensar em estudos. Fui trabalhar como caixeiro em uma loja de fazendas. Tempos depois quebrei um braço, que os médicos encanaram mal, deixando-me inutilizado e de cama por um ano. Como não podia trabalhar, voltei-me novamente para os estudos. Ingressei no Ateneu Sergipense, de onde pouco depois fui também afastado. Havia no colégio um professor de francês que não conhecia a língua que ensinava. Dava aula com o livro aberto dentro da gaveta, onde, para folheá-lo, punha as duas mãos. Um dia, antes de começada a lição, botei um ca-

ranguejo na gaveta, sem que o professor percebesse. O resultado foi que o bicho agarrou-lhe o dedo, deixando-o numa situação cômica perante a classe. Mas caro custou-me a brincadeira. Aberto inquirido, este concluiu pela minha expulsão. Por essa época acreditava não precisar mais estudar. Julgava-me um menino precoce. Lia de tudo. Lia livros que hoje não sou capaz de abrir. Minhas leituras eram de doze a quatorze horas por dia. Com treze anos, imbuído de muitas idéias, considerava-me um socialista, o que me levou a participar de comícios em porta de fábrica. Fiz, nessa fase, uma conferência sobre o operariado. O sucesso foi tal que passei a ser chamado de Menino Jesus, de nova Águia de Sergipe. Dirigia então dois jornais, um de estudantes e outro de massas. O governador do Estado na época era um velho chamado Valadão. Impressionado com o meu êxito, me chamou a palácio e deu-me um emprego no jornal oficial do Estado, a fim de que prosseguisse em meus estudos, em Salvador. Viajei para ali, onde prestei exames, ingressando na Faculdade. Terminei o curso no Rio e aqui estou, como toda gente, feito bacharel em Direito. Como disse, o governador deu-me o emprego para que eu continuasse em meus estudos. O diretor do jornal era um preto de nome João Menezes, mais tarde eleito deputado federal, filho de escravos e muito subserviente. Saí de Aracaju sem me despedir dele. Quando cheguei à Bahia, no dia seguinte, recebia telegrama me demitindo. Não tinha dinheiro nem coisa alguma a fazer. Procurei então Simões Filho, a quem contei minha história. Ele mandou que eu escrevesse, na hora, um noticiário sobre desastre ferroviário. Escrevi e ele gostou. Passei a redator de *A Tarde*, que era o seu jornal, com o direito de xingar quem eu quisesse, em Sergipe. E disto usei e abusei. Fiquei na Bahia até o terceiro ano, morando em repúblicas, ganhando sessenta mil réis por mês. Vim depois para o Rio, onde cheguei na mesma situação. Vim de graça a bordo de um navio que regressava da Bahia, onde fora levar tropas federais para uma

intervenção que não se realizou. Era um navio ex-alemão, chamado *Uberaba*. Isto foi em 1918. Chegado ao Rio, pela mão de Gilberto Amado, consegui um lugar de redator da *Agência Havas*. Ganhava duzentos mil réis e trabalhava até três horas da manhã. Daí nasceu por certo o meu vício de não dormir à noite. Meus companheiros mais constantes eram Jackson de Figueiredo e os Amados. Então começou minha vida aqui.

ML: O senhor disse que lia muito. Que espécie de leituras eram essas e até onde elas influíram em sua formação?

LF: Li muito Kropotkine, Proudhomme e Máximo Gorki. Influenciado pelas idéias de Haeckel e de Darwin, tornei-me materialista. Nesse tempo a Rússia não fizera ainda a sua revolução. Mas acredito que ao socialismo cheguei por instinto. Mais tarde abandonei o materialismo. A morte de Jackson de Figueiredo contribuiu muito para isto. Eu, que nunca me confessara, o fiz pela primeira vez. Ingressando no catolicismo, conheci D. Sebastião Leme, a quem me liguei. Quando se pensou no sindicalismo católico, coube-me redigir o primeiro manifesto nesse sentido. Jamais, no entanto, abandonei o socialismo, pois nunca fui um democrata à velha moda. Tinha também tendências ditatoriais e individualistas. Isto explica minhas simpatias posteriores pelo fascismo. Considerava Mussolini um homem infalível como dizia o próprio Papa. E como dizia o grande Winston Churchill: "Considero Mussolini maior que Washington e Cromwell. Se eu fosse italiano seria fascista." Foi quando me lancei em acesas polémicas com muitos italianos antifascistas residentes no Brasil. Tenho um retrato de Mussolini que me foi oferecido por ele. Mas isto todo mundo pode ter. Importante para mim na ocasião foi uma citação feita por ele, em artigo na revista *Gerarchia*, de Milão, onde dizia só haver três pessoas fora da Itália que conheciam o fascismo: eu, no Brasil, Lugoni, no Chile, e Gálvez, na Argentina.



De Mussolini a Getúlio Vargas

As profecias de Marx sobre a crise do capitalismo falharam. A luta pela emancipação dos povos é baseada em tendências nacionalistas e não de classe

A Igreja, agora, está se aproximando do povo e das classes humildes. É a volta a Jesus Cristo

ML: Além da morte de Jackson Figueiredo que outras razões o levaram ao catolicismo?

LF: A minha volta ao catolicismo foi mais um movimento de graça que de razão. A emoção que senti com a morte de Jackson me levou novamente aos batentes da Igreja. Mas eu nunca desprezei a ação social da Igreja nas suas missões e principalmente na inteligência jesuítica. Era, como ainda sou, um ledor dos florilégios de santos. A autoridade, a ordem, a hierarquia só existem no catolicismo. É natural que um temperamento inclinado aos deveres da ordem não se emancipe nunca da Igreja e a ela volte sempre, mesmo por desvios. A Igreja agora está se aproximando do povo e das classes humildes. É uma volta a Jesus Cristo, de que nos devemos ufanar.

ML: Há em alguns de seus pronunciamentos mais recentes uma certa influência marxista. Sendo o senhor, como diz, um católico, como concilia Marx com a Igreja?

LF: As profecias de Marx a respeito da crise do capitalismo falharam. O próprio movimento emancipador contra a expansão imperialista é mais baseado em tendências nacionalistas do que em luta de classe. Marx precisa ser emendado, revisto e corrigido. Hoje mesmo cada povo procura os próprios caminhos que o devem levar ao socialismo. Marx não falava em ditadura do proletariado, que passou a ser um instrumento de onipotência do poder. Mas quanto ao determinismo econômico e quanto à distribuição dos meios de produção, é mais que uma verdade, porque é axioma. No Brasil, tudo o que fizemos foi determinado por fatos econômicos. No Descobrimiento, com as guerras de comércio; na Abolição, com as influências da colonização paulista; na República, com a queda da aristocracia territorial; na Revolução de 1930, com a crise do café. Creio que não preciso dar mais exemplos. O fato econômico pode não produzir lendas e heróis, mas é sempre ele que faz golpes, revoluções e guerras. Nos princípios ideais do marxismo não há nenhuma incompatibilidade com os postulados morais da Igreja. A pobreza encontra num e noutro bases de elevação e de segurança.

ML: Não atribui à sua infância, às condições de vida em que se processou a sua formação, nenhuma influência especial nas suas inclinações e na evolução do seu pensamento político?

LF: Talvez a vida de pobreza. Tinha ânsia de mudança. Achava que tudo que aí estava era mentira. Não podia acreditar numa democracia que tinha como base o voto falso. Daí se explica a minha posterior tomada de posição ao lado de Getúlio Vargas, a quem acompanhei de 1928 até a hora da morte. Ele personificava o filho do povo que tudo fazia pelo povo. Havia

em mim o desejo de mudar, de descrença nas fórmulas existentes. Um intelectual livre podia ter mais influência direta sobre o povo que no regime anterior de atas fraudulentas. Mas no começo mantive uma atitude de expectativa mais que de ação. Só em 1933 fui chamado pela primeira vez pelo presidente Vargas e passei a exercer função de confiança até o fim de sua vida. Trabalhava na Prefeitura e exercia uma atuação forte junto a Pedro Ernesto. A Prefeitura era dirigida pelos tenentes. Com a Revolução de 1932 passei a exercer a Diretoria do Gabinete, que era o crivo de toda a Prefeitura. Os tenentes voltaram e exigiram minha demissão sob a alegação de que eu não tinha "espírito revolucionário". Nunca acreditei neste "espírito revolucionário". O que eles tinham, os líderes do tenentismo, era uma certa vibração de mocidade militar. Possuíam uma grande vocação de decência administrativa. Muitos atravessaram aquela época e chegaram até os nossos dias com prestígio de administradores. Confundiam, no entanto, espírito revolucionário com espírito de corpo. Eles, os tenentes, tinham por outro lado uma noção de ditadura empírica, sem futuro. Enfim, não sabiam nem ladear nem contemporizar. Nessa época fui mandado ao Peru, em missão oficial, representando a cidade do Rio de Janeiro. Quando voltei encontrei um recado do Presidente me chamando. Havia uma lei criando o Departamento de Difusão Cultural. Escrevia muito sobre turismo e propaganda. O Presidente Vargas pediu-me que lhe fizesse um relatório sobre esse Departamento. Fiz. Dois dias depois me chamou novamente. Realizou então, como era de seu hábito, uma sabinata de quase duas horas. Por fim declarou-me: "Eu já havia convidado o Monteiro Lobato, mas diante de seu relatório e de sua exposição caberá a você o novo posto. Só fiz uma objeção: "Aceito, mas sem subordinação a nenhum ministério". A partir daí comecei a minha convivência com Getúlio Vargas.

ML: Confessou-me espontaneamente o senhor as suas tendências fascistas...

LF: Fui fascista quando ser facista era uma opinião. Quando passou a ser um crime, isto é, depois do conflito com o Brasil, depois da guerra, passei a combatê-lo e condená-lo. Eu acreditei sempre que o fascismo não fosse um produto de exportação. Devia ser uma criação genuína de cada povo. Mas nos países europeus o expansionismo está acima das ideologias. Daí o desastre do nazismo e de todas essas formas ideológicas proliferandas no Velho Mundo.

ML: Por uma questão de afinidades ideológicas quais teriam sido suas relações com o integralismo e até que ponto Vargas dele se utilizou para alcançar seus objetivos na época?

LF: Antes de responder à sua pergunta devo dizer que uma das raízes do meu fascismo sempre foi o meu extremado nacionalismo. Não é só o nacionalismo político que pode ser discutido, mas também o nacionalismo econômico. Nunca quis para o Brasil nem privilégios nem monopólios, nem preferências, nem prevenções e muito menos uma presença estrangeira incômoda e indesejável. Agora, quanto ao integralismo, nunca me liguei a ele. Antes de sua existência, andei tentando soluções políticas mais de acordo com as minhas inclinações pessoais. Certa vez, com um grupo de estudantes, fizemos pela altura de 1931 um programa que levamos ao Sr. Oswaldo Aranha. De outra feita fui a Minas assistir ao ridículo e caricato fascismo do Sr. Olegário Maciel. Dirigi uma revista política chamada Hierarquia de cores fascistas. Conversei com o Sr. Plínio Salgado, mas nunca chegamos a um entendimento. Assim o integralismo nasceu sem nenhuma influência de minha parte. No golpe de 1937, o integralismo era a única força de ordem contra o comunismo e outras organizações de frente. No seio das Forças Armadas, particularmente da Marinha, tinha proselitismo e devoção. Era natural confiar em seu apoio. O golpe de 10 de novembro era uma restauração da ordem, uma ressurreição do nacionalismo. O integralismo podia entrar como qualidade e não como quantidade. A dissolução dos partidos políticos, que se seguiu ao golpe, destruiu suas esperanças. A oposição a Getúlio Vargas, que acabou num fracassado golpe armado, foi o começo de sua decepção e de sua desmoralização. O integralismo tinha uma doutrina mas não tinha um chefe que o precedesse e o guiasse. E estes movimentos são mais de fidelidade a homens do que a idéias. Getúlio Vargas nunca vestiu qualquer figurino estrangeiro. Seus modelos, seus padrões, suas raízes, eram nativas. Nunca o considerei um ditador de política, um chefe de partido, mas sim um verdadeiro líder de massas. A sua grande obra foi o nacionalismo e o socialismo. Era uma visão do futuro a dele, pois vemos hoje que são essas duas grandes forças que estão modelando o mundo emancipado de amanhã. A sua doutrina era nacional no sentido duplo do povo e do país, isto é, felicidade para um e prosperidade para outro. Nada tinha de alienígena o seu movimento. O Sr. Plínio Salgado poderia ser uma parte da Nação. Mas quem representava a homogeneidade nacional era Getúlio Vargas. A Constituição de 10 de novembro, com os erros que o tempo corrigiria, é a melhor Carta outorgada a uma pátria. E pela primeira vez se viu nela a integração do operariado na sociedade. Fascismo e positivismo podiam ser em Getúlio Vargas reminiscências de leituras. A Constituição era principalmente uma vocação unitária.



Lourival Fontes

Não fosse ela, com três colônias estrangeiras conquistadas no Brasil, teríamos conhecido guerras internas quando nos preparávamos para o conflito geral.

ML: Permita que lhe lembre: o Sr. Francisco Campos, considerado autor da Constituição de 10 de novembro, oito anos depois a tinha como caduca e exigia sua completa transformação.

LF: O Sr. Francisco Campos muda como as flores da estação. A Carta de 10 de novembro respondeu a um momento histórico. Teria que ser revista e emendada. A convocação da Constituinte é o melhor elemento de convicção. O certo é que as suas bases nacionalistas e socialistas não podiam ser mudadas e não foram mudadas. O golpe de novembro era um anseio do povo. O povo acompanhava Getúlio Vargas e jamais o esqueceu, mesmo depois dos equívocos de sua derrocada. Tínhamos naquela época um Congresso que se degradava na opinião pública. Tínhamos candidatos que sopravam resoluções ou penetravam nos quartéis. Tínhamos uma nação dividida entre caciques regionais, que se assemelhavam na China aos senhores da guerra e da terra. Vimos a reforma social no caminho do desaparecimento. Tínhamos colônias estrangeiras com as suas escolas e as suas milícias organizadas. Tudo isso não era razão suficiente para um golpe de Estado em vez de uma revolução que podia vir de baixo? Os militares e os políticos que Getúlio Vargas teve a seu lado não inspiraram sua conduta, mas seguiram sua decisão. Não havia condestáveis neste movimento. Havia, sim, o povo sem marechais e os políticos sem árbitros. É a Getúlio Vargas que cabem exclusivamente a autoridade e a responsabilidade do golpe de 10 de novembro. do golpe de 10 de Novembro.



Lourival sempre acreditou na ditadura de Getúlio. Viu nela a emancipação nacional, além do ciclo de desenvolvimento, que mudou a feição do Brasil.

Góis Monteiro foi, sempre, um demolidor de governos, nada mais que isso

ML: Qual o papel exercido por três homens: Marechal Dutra, General Góis Monteiro e Dr. Francisco Campos?

LF: Góis Monteiro foi sempre um demolidor de governos. O Marechal Dutra era até então um soldado fiel ao seu chefe. Francisco Campos era um descrente e um cético e por isso mesmo só acreditava em mudanças e transformações. Podia a este juntar um outro; Agamemnon Magalhães, com a sua extraordinária agudeza de espírito. Mas todos indistintamente trabalharam para fazer aquilo que Getúlio Vargas queria. Era um trabalho de rotina, o deles, sem nenhuma repercussão exterior.

ML: Teria sido o senhor, em toda essa fase, apenas um espectador ou um colaborador ativo?

LF: Nunca fui espectador, mas colaborador. O que fiz não direi. Não é um problema de modéstia. Os outros que julguem as minhas ações na vida pública.

ML: Ao emprestar sua solidariedade e, como acaba de dizer, sua ativa colaboração à instalação da ditadura, o senhor o fez convencido de que seus efeitos seriam benéficos ao Brasil?

LF: Não só acreditava nos métodos e nos efeitos da ditadura. Passados longos anos, lembrando sua ação, a minha solidariedade é tão firme como antes. Num processo de governo há muita coisa que desgosta. Mas as revoluções se vêem como um todo que fica e não como partes que desaparecem. Emancipação nacional, reforma social, direito de voto, justiça de apuração, impressionante ciclo industrial, defesa de nossos valores e riquezas, uma guerra vitoriosa, a criação da indústria matriz do aço, esse progresso do Brasil que mudou de estrutura e de fisionomia, tudo isto demonstra que o golpe representou uma necessidade: moral, uma exigência política e uma libertação econômica. É um contraste impressionante com o passado. O Brasil que eu conheci ao iniciar-se era o da hipoteca. Tivemos o Império, numa base popular, dirigido por algumas erudições. Veio a República e com as suas crises cíclicas nos hipotecamos ao estrangeiro. Tivemos aqui a Inglaterra cobrando as taxas de nossas alfândegas e das nossas ferrovias. O ministro da Fazenda, quando entrava ou quando saía, devia receber um telegrama de Rotschid. Havia um amor próprio na questão de Trindade e nas questões de fronteiras, especialmente com a Bolívia, no caso do Acre. Rio Branco teve uma ação emoliente para aplacar os resquícios de desespero. Mesmo no começo da República, o jacobinismo, especialmente contra portugueses, perverteu o nacionalismo. Vivíamos num mundo lírico, de ufanismo. Mas a realidade nacional, as fronteiras, o subsolo, as riquezas, o domínio material do homem

brasileiro, nada disso se tinha encontrado. Com Getúlio Vargas o Brasil começou a criar e a produzir riquezas. Com as novas invenções o País passou a se conhecer melhor. Não sei se desse programa de obras ou de seu foro íntimo nasceu nele o socialismo moderado e o nacionalismo intransigente.

ML: Passado o tempo, qual a impressão que lhe ficou, como diretor do DIP, desse período, especialmente dos contatos com os homens públicos do País?

LF: O famoso DIP era um crivo, ou melhor, uma escola de análise. Por ele conheci as exceções de benemerência e o grosso da corrupção. O contato com os homens públicos do Brasil — e quero registrar as singularidades — é dos mais decepcionantes. Pensam em interesses e ambições e não presumem a adversidade. Mudam ao sabor dos ventos. A lisonja é o seu expediente. Não pensam onde está o Brasil e se são certos os caminhos que seguem. Fazem da adulação e do agrado a poliantéia da sua vida medíocre. São fiéis ao poder se muda o poder eles endeusam o presente e maldizem o passado. Ninguém duvida que Getúlio Vargas era puro e pobre. Nunca lhe percebi o amor da glória, do dinheiro ou do sexo. Mas deveria governar com esse material humano a que fiz referência. Não fugiram de sua sombra os gozadores, os oportunistas e os aproveitadores. Até homens humildes que o acompanharam no exílio, não resistiram à cornucópia das graças. Ajudei Getúlio Vargas a vencer e a resistir a muitas dessas aventuras. Mas confesso hoje a inutilidade da esperança.

ML: Logo após a queda da França, Vargas pronunciou a bordo do Barroso um discurso famoso, no qual fazia o elogio dos regimes fortes e anunciava o fim do liberalismo. O que o teria levado a este pronunciamento do qual resultou um incidente diplomático com Washington?

LF: O discurso de Getúlio Vargas a que se refere foi dito para uso interno. Era uma veemente exaltação nacionalista contra o liberalismo decadente. Nada havia em termos de guerra. Fui chamado várias vezes por Getúlio Vargas sobre o assunto e devo dizer que não houve incidente com Washington. Houve apenas explicações. Getúlio Vargas não se conformava com a locacidade do Presidente Roosevelt, que havia anos pregava a guerra, mas não se decidia a nela entrar. Era uma tagarelice sem conseqüências. Dizia-me a este tempo que estava pronto a entrar na guerra com os Estados Unidos da América. Mas era preciso que Washington criasse o fato e não se perdesse em palavras. Nós sabemos que as guerras se fazem por monopólios e privilégios econômicos. Getúlio Vargas sempre acentuou que só tinha um compromisso, que era continental. Mas o Bra-

sil não podia também viver isolado e segregado. A guerra que rondava o mundo também chegou às nossas praias. E a única resposta que podíamos dar era a guerra. Éramos rigorosamente neutros, sem esquecer a nossa solidariedade para com os Estados Unidos. Assumimos depois uma posição de não-beligerância para facilitar o seu esforço. Fomos camaradas de armas na primeira e na segunda guerra. E nada impede que um terceiro conflito nos obrigue a ser realista. Em 1942 demos à causa Aliada o salto do Atlântico, a cessão de bases e a participação efetiva no conflito. Demos as nossas matérias-primas e estratégicas. Fizemos a campanha da borracha e empenhamos as nossas exportações, porque não havia outro mercado. Tivemos Volta Redonda só porque a casa Krupp se comprometeu a instalá-la. Ainda depois de deflagrada a guerra, a Alemanha queria enviar-nos em duplo os materiais para a construção dessa obra, para fugir ao bloqueio. As queixas semelhantes às brasileiras contra os resultados da guerra são gerais na América. Foram negativos na primeira e na segunda guerra. Enquanto os Estados Unidos gastaram 57 bilhões de dólares na Europa, não tivemos aqui mais que uma contribuição infinitesimal.

ML: Quais as causas que determinaram a queda de Getúlio Vargas, quando era de se esperar que viesse a capitalizar a seu favor a participação do Brasil em uma guerra vitoriosa?

LF: A queda de Getúlio Vargas, em 1945, não teve causa, ela nasceu de um equívoco. O Presidente contava com o povo. Mas não tinha as chaves do poder. Houve uma conspiração de ambições. E se fez verdadeira uma falsidade, a de que Getúlio Vargas pretendia continuar. Os comunistas pediam apenas uma Constituinte e não recusou Getúlio essa aliança, porque assim fizeram todos os partidos conservadores e moderados no resto do mundo.

ML: Acredita que a esta altura da civilização os países subdesenvolvidos poderão alcançar o progresso correspondente às nações altamente técnicas e industrializadas, como os Estados Unidos, por exemplo, seguindo o mesmo curso que historicamente lhes permitiu, na fase do liberalismo, atingir o apogeu capitalista de hoje?

LF: Há nações primitivas, semifeadais e subdesenvolvidas. Todas elas estão demonstrando a capacidade de nacionalização e emancipação. Não foi o liberalismo que construiu a prosperidade americana. A luta contra a emigração e em favor das tarifas protecionistas criaram as suas dimensões de grandeza. Outro fato foi o poderoso mercado interno, em que a nação vivia autarquicamente. Mas hoje as nações são interdependentes e só a industrializa-

De Mussolini a Getúlio Vargas



Lourival com Gerson de Melo

O DIP foi uma escola

ção dá tributos de prosperidade. Falar em desenvolvimento econômico sem planificação é cavar no mar. O Egito primitivo, a Índia semifeudal e a China subdesenvolvida estão trabalhando em planos sucessivos quinquenais. É só consultar as estatísticas para ver os rendimentos produtivos. Não se governa sem plano. O mais é improvisação. O mundo não tem outro caminho que não seja o do socialismo. Indústrias básicas de utilidade coletiva devem estar nas mãos do Estado. Nacionalização das indústrias de interesse público e socialização das utilidades ao alcance do povo devem ser os nossos princípios, como são os postulados da Inglaterra, dos países escandinavos, da Índia e da China. Não devemos esquecer que o Mercado Comum é uma sentença de morte para a exportação-brasileira. Nele numa forma pífida de néo-colonialismo, são restaurados os produtos africanos que são os concorrentes e competidores mortais da exportação brasileira. Se queremos para o Brasil paz, prosperidade e, talvez mesmo, sobrevivência, temos que aceitar o monopólio estatal do petróleo, com o capital, a técnica e os braços brasileiros. Até a vinda de Getúlio Vargas, o petróleo brasileiro estava aberto à exploração estrangeira. Ninguém apareceu para utilizá-lo e, ao contrário, espalharam que a nossa terra era sáfara e maninha em petróleo. Nós é que o descobrimos. Pertence ao nosso patrimônio. Nós iremos explorá-lo e vendê-lo. Não nos preocupemos com a demora. As descobertas recentes e a certeza de que há um vasto lençol cobrindo todo o País, não admite mais dúvidas.



De Mussolini a
Getúlio Vargas

Há uma flagrante contradição entre o liberalismo do Brasil e sua diplomacia votando nas assembleias internacionais em favor das teses colonialistas



Lourival com Adalgisa Nery, sua mulher

O braço escravo é nosso maior inimigo e não é combatido

ML: A política que o senhor propõe ao Brasil não importa numa revisão nos termos atuais de suas relações externas?

LF: Política externa no Brasil é segredo e sigilo. Não existe nenhuma correspondência ou contato com a opinião pública. Ainda estamos na fase da diplomacia de bordados e etiquetas, quando o diplomata devia ser hoje um agente e corretor de negócios. Devemos ser anticolonialistas, porque isto corresponde ao liberalismo de nossas tradições e não queremos a concorrência do braço escravo. Nas assembleias internacionais, negando as diretrizes estabelecidas por Getúlio Vargas, o nosso voto é sempre da causa imperialista. Temos interesse no comércio mundial. Os nossos associados e aliados nunca romperam relações por motivos ideológicos. Até recentemente estivemos isolados e segregados. Não mantínhamos relações com o leste europeu, a Rússia e a China. Fechamos assim as portas por uma estupidez oficial a mais de um bilhão de clientes. Minerais atômicos são tão indispensáveis e necessários como petróleo. Por que não fazemos deles um celeiro interno como a Índia? E, se queremos vendê-lo, por que não exigimos ajuda ao nosso desenvolvimento industrial? Falo de ajuda para obras e melhoramentos públicos e não de finanças privadas para lucros, ganhos e dividendos. Por que defendemos o câmbio para utilidade e essencialidade das nossas importações e entregamos livremente às companhias estrangeiras para reexportar o seu retorno e os seus juros astronômicos?

O capital estrangeiro não entra em nosso país como moeda corrente. Ela entra como ordem de banco. Não é o dólar que fabrica cruzeiros, mas o cruzeiro que fabrica dólares.

ML: Como conciliar a colaboração do capital e da técnica estrangeiras com uma política de autodeterminação e de independência nos termos a que o senhor se refere?

LF: É esta uma pergunta cheia de conseqüências. É nesse assunto econômico que estão as linhas de batalha da coexistência pacífica entre a União Soviética e os Estados Unidos. Quem tiver mais engenheiros, especialistas, técnicos, recursos e capitais ganhará a batalha. A União Soviética pode fazer preços políticos, que o capitalismo só os pode fazer em bases comerciais. Os Estados Unidos dão auxílio em que mais de noventa por cento são gastos em material de guerra. Mas os povos submetidos e necessitados têm também os seus pontos de vista. O primeiro deles é o de saldar o auxílio desde que não se converta em obrigações militares ou servidão econômica. Não agradecem a assistência em pactos, bombas e bases. Querem desenvolver-se com o seu próprio esforço, como conseguiram a emancipação. Neste mundo adjacente e numeroso, fora de Leste e Oeste, é onde está marcado o teatro da luta entre a União Soviética e os Estados Unidos.

ML: Quais as verdadeiras relações entre Vargas e Perón no sentido da formação de um bloco continental, inspirado no antigo

O testamento de Vargas não era o seu epitáfio

ABC, então objeto de críticas e contradições?

LF: Em primeiro lugar, não se tratava de uma reminiscência do ABC. A preocupação era a de um plano austral, que possuía mais de trinta produtos de exportação. Isto não era originalidade do General Perón. Vinha desde o filósofo Bunge e dos rosistas argentinos. Mas a Argentina adotava o plano com a intenção de assumir a sua liderança, o que era evidentemente incômodo e indesejável para o Brasil. O nosso país continuou infenso e ausente a essas tramas de hegemonia. Nunca permitiu Getúlio Vargas uma palavra ou um estímulo nesse sentido. Não conhecia nem de vista o General Perón, apesar de muitas tentativas de encontro. Por força de ofício, conheço a correspondência trocada entre os dois e nela não existe nada além da cortesia entre dois governos. O General Perón declarou no Chile, quando ali foi em visita, que levava a representação do Presidente Vargas. Conheço a carta do General Perón comunicando a viagem e a resposta de Getúlio Vargas em termos corteses e sem nenhum compromisso. Nas conferências interamericanas, a posição do Brasil era sempre discordante da Argentina. Por ocasião das discussões sobre o tratado comercial entre os dois países, o Presidente Vargas fez questão de entregar o estudo do mesmo a técnicos, sem ter nenhuma ingerência política em sua elaboração. Sei que Getúlio Vargas se recusou a intervir como árbitro ou mediador nas desavenças com o Uruguai. A visita ao Brasil, naquela ocasião, do presidente do Peru marcava a existência de um outro eixo continental. Por outro lado, nunca se fez acordo sobre os direitos do Brasil em relação às investidas argentinas contra o petróleo boliviano. Li no Senado as notas íntimas do Presidente Vargas sobre o General Perón, onde sublinhava uma acusação de jogo duplo do nosso Embaixador Luzardo. Quanto ao discurso do General Perón, devo dizer que foi feito para uso interno e para salvar sua face diante dos militares. O fato é que após o discurso o General Perón o desmentiu ou se retratou. Não era a nós que cabia continuar a polêmica. Não era mesmo crível que o Presidente Vargas concedesse um plano tendo contra ele o ministro do Exterior e os nossos embaixadores platinos. Afirmando, sem nenhuma dúvida ou vacilação, que nunca houve por parte do Brasil nem compromisso nem boa vontade para com os planos do General Perón. Se outros falaram ou usaram o nome de Getúlio Vargas, estavam cometendo uma fraude ou uma falsidade.

ML: San Thiago Dantas, certa vez, declarou que o partido ao qual o senhor pertence, dividia-se em duas correntes, a que chamou de esquerda positiva e de es-

querda negativa. Em qual delas o senhor se situa?

LF: Não há esquerda positiva ou negativa. Há aventureiros e oportunistas. O PTB não tem teses, idéias ou programas. Vive ao sopro do vento ou à eferescência das crises. São grupos mal dirigidos ou influenciados de fora. O nosso desejo é que se unam sob a bandeira de Vargas.

ML: Quais, na sua opinião, as causas da crise de agosto de 1954, da qual resultou o suicídio de Vargas?

LF: Dois meses antes da crise de Agosto, foi engendrado o impeachment contra Getúlio Vargas. Não alicionou nem mesmo os representantes da oposição. Na UDN, por exemplo, votaram a favor da medida menos de vinte, em setenta e quatro deputados. Mas a crise de agosto foi militar e não política. Tinha a capitaneia a imprudência a insensatez e a insanidade de um jornalista. A morte de um oficial da Aeronáutica e a exploração da lama provocaram uma crise entre as Forças Armadas. Getúlio Vargas concedeu, transigiu e tolerou. Não queria que fosse manchada a honra de seu Governo. E no fim, ferido e injustiçado, encontra dubiedade e vacilações, procurou no repouso eterno o descanso de sua alma justa.

ML: Acompanhando Getúlio Vargas de perto, conhecendo-lhe o temperamento e as reações, o que, a seu ver, o teria ao gesto extremo?

LF: Estive com Getúlio Vargas algumas horas de sua morte, entre nove e dez da noite. Tudo parecia desanuviado. Estava marcada sua viagem ao Amapá e ele havia preparado dois discursos. Por ocasião de nossa conversa, disse-me que fosse pensando num manifesto à Nação e sublinhou: forte mas generoso. A carta de Getúlio Vargas foi batida no meu gabinete, na noite de domingo. Não há nada nela que revele seu propósito de suicídio. O Presidente pretendia lutar nas ruas em defesa de seu Governo e daí o seu testamento político. Fez e assinou a carta e só podem dela duvidar os incrédulos e os exploradores. Estava pronto a licenciar-se e não a deixar o Governo em forma definitiva. As notícias, pela manhã, da sua retirada efetiva não deixaram de concorrer para o desenlace fatal. O petróleo, a energia elétrica e a luta contra a opressão dos capitais estrangeiros devem estar no fundo do quadro.

É esse o destino dos países que pugnam pela emancipação nacional. Mas Getúlio Vargas tinha com ele a opinião esclarecida do povo. Não se voltará atrás nem para o entreguismo, a renúncia ou a capitulação.

Atenas, 15, 16 e 17 de agosto de 1950

Visitamos Vatopedi, Xeroptamos, Iviron, Docjairon. Vatopedi é um convento senhorial, impressionante pela sua riqueza, população de uma centena de monges, suas câmaras para hóspedes são grandes, iluminadas e lindamente mobiliadas. Quando se sai da mesa vai-se tomar café num grande salão onde há poltronas confortáveis onde se pode debruçar na grande varanda envidraçada que dá para um mar de bênção. As paredes de sua igreja resplandecem de mosaicos de ouro que datam do século XII. Um dos monges nos mostra, emocionado, um pedaço da Cruz de Cristo, e nos informa que na Biblioteca há 8.000 volumes e 1.500 manuscritos em pergaminho.

Paschoal
Carlos
Magno

MONTE ATHOS

Em cada convento há um monge encarregado de acompanhar os visitantes.

Este, em Vatopedi, que maneja seis idiomas e anda de pé tão leve que nem parece tocar no chão, conta-nos a lenda de um candelabro aceso que encontramos ardendo diante de um ícone. Durante uma invasão sarracena, esse candelabro foi escondido atrás de um muro, com velas que ardião. Passado o perigo, muito tempo depois procuraram e encontraram o candelabro ainda iluminado, magicamente desafiando o inimigo e o tempo. "É este", e apontava-nos um candelabro de três braços, pesados de ouro, cuja flama é agora permanentemente alimentada como um símbolo.

Próximos de Xeroptamos, passamos embaixo de pedras altíssimas, onde no alto, como favos de uma coméia misteriosa, há pequenas células onde vivem sozinhos um, dois ou três monges, que mal se alimentam e rezam um rosário de 300 grãos trinta vezes ou mais diariamente. O trotar de nossos burricos não apaga o monótono som de suas vozes que repetem "Kirie Jesus Cristo..." Se aparecem lá no alto, parecem esculpidos em madeira queimada, e vivem numa tal abstração que se um pássaro fixar ninho na sua longa barba, pensando tratar-se de uma árvore, não perceberão sequer o ruído de suas asas.

O guia nos aponta um quadro freqüente — do alto desses abrigos minúsculos, a centenas de metros acima do mar, desce um cesto, que cordas manejadas lá de cima fazem chegar até o chão, onde um monge, mandado por um dos conventos da vizinhança, vem

trazer algum alimento para os que no alto rezam por ele e por todos.

O pequeno cesto sobre repleto de frutas, legumes, pão negro, de tudo quanto se come nos conventos onde a comida é sadia, simples, onde o vinho é de uvas pisadas pelos pés dos próprios monges.

De Xeroptamos, que é dedicado aos 40 mártires, não esqueceremos um pequeno S. Demétrio, de pedra, esculpido no século V, nem da torre da sua igreja com dois medalhões de mármore incrustados nas suas faces. De Iviron como olvidar sua cara de pedra sombria e imponente? E na igreja, como no refeitório, nos corredores, e nas celas, como por toda parte, a mesma riqueza de afrescos bizantinos resplendente de ouro, com a Virgem e o Cristo, os Apóstolos, os Mártires, o Julgamento Final, ameaçador, com anjos soprando trompas. Cada um desses conventos orgulha-se de possuir um fragmento por menor que seja, da Cruz de Cristo.

Cada um deles tem sua biblioteca, seus muros pintados de ouro ou incrustados de gema. Cada um tem o feitiço de uma lenda que lhe pertence particularmente. Na capela à entrada do convento de Iviron há num altar iluminado por um vacilante lampadário de prata, a Panaghia Portatíssima, que jogada ao mar, foi flutuando sobre as ondas a caminho de Monte Athos, recolhida pelas mãos magras de um eremita e abrigada desde então dentro deste convento.

18 de agosto

Se nos sobrasse tempo



visitaríamos todos os vinte e quatro conventos. Muitos desses são tão pobres que nada têm a nos oferecer.

Nem pão, nem café turco, nem vinhos, nem peixe, nem aves. Nem mesmo um canto para dormir a não ser chão de pedra, que é ofício cotidiano dos que nele procuram a preparação do corpo para tornar a alma mais leve na sua longa viagem sem volta.

O mesmo navozinho estava à nossa espera em Daphni. A mesma barcaça. E à beira da praia encontramos monges que esculpam em madeira pequenas cabeças de Cristo aureoladas de espinhos, crucifixos do tamanho de mão aberta.

Como ninguém nos respon-

desse à pergunta que fazíamos o preço dessas lembranças, pedia Dimitri que lhes falasse em grego. Também não os entendia porque eram surdos. Surdos e mudos. Emparedados neles próprios como centenas de monges vestidos de negro que vi, num total silêncio, numa total humildade, numa total integração humana com o divino.

O apito do navio anunciava sua partida. Eu me debrucei na amurada do tombadilho. Era muito cedo, e as simandras de vinte conventos e de suas centenas de igrejas povoaram o ar claro da manhã com sua música. Numa célula lá em cima, apareceu um monge com sua veste longa, seu chapéu alto, suas mãos ro-

dando seu rosário de trezentos grãos. Não nos olhava. Nem o navio. Nem o céu, nem o mar. Parecia talhado em madeira. Fiz-lhe um gesto de adeus.

Olhava-me fixamente com seus grandes olhos parados.

Estaria me vendo? Insisti. Outra vez. Nem ele, nem os monges que estavam na praia assistindo à partida, nenhum deles fazia um gesto de adeus, dizia uma frase de até breve.

Dimitri percebeu a angústia que me tocava essa indiferença. E me consolou: — Esta é uma terra onde ninguém diz adeus.

A Editoria

TAAN ASSAAD (AV. RUI BARBOSA, 2307
— SÃO JOSÉ DOS CAMPOS — SP — “PARABENIZANDO—OS
PELO EXCELENTE JORNAL, ESCREVO—LHES PARA
SOLICITAR O ENVIO DOS SEGUINTE EXEMPLARES:
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16,
17 e 21. APROVEITO A OPORTUNIDADE PARA DIZER
QUE O PESSOAL DAQUI CONTINUA SE POLITIZANDO”.
OS NÚMEROS PEDIDOS SEGUIRAM PELO CORREIO,
ASSAAD. QUANDO VOCÊ OS RECEBER, ENVIE PARA
A GENTE UM CHEQUE DE Cr\$ 32,00, COMO
PAGAMENTO. UM ABRAÇO E APAREÇA SEMPRE.

E A BOLSA CONTINUA CAINDO

DURVAL GONÇALVES DE AZEVEDO (rua Viveiros de Castro, 115 — Rio — GB) — “Junto à presente envio um recorte da Tribuna da Imprensa, cuja data não guardei, mas que, me lembro bem, é da autoria do Oliveira Bastos. O artigo continua de grande atualidade, no momento em que falharam todas as previsões oficiais. Senão vejamos: o Maurício Cibulares, o Marcelo Leite Barbosa e mesmo o Delfim Neto, acompanhados de todas as corretoras, continuam errando de maneira espetacular em tudo o que concerne à Bolsa de Valores. Eu também sou investidor, embora de porte médio, e não segui os conselhos de seu amigo Pedro Doma Filho, estando hoje seriamente ameaçado em meus haveres, diante de uma bolsa que cai sistematicamente e no caminho que vai acaba levando todo mundo para o beleléu. POLITIKA poderá aproveitar o momento e chamar o Pedro Doma Filho para novas previsões, uma vez que seria um dos mais importantes guias dos investidores incautos que ainda caem no conto da Bolsa de Valores. Aproveito para lembrar a entrevista com dona Sandra Cavalcanti e outros políticos, hoje na obscuridade, ninguém sabe por que”.

Durval, antes da gente responder é necessário que se explique também aos leitores. O negócio é este: O Oliveira, como todos já sabem, tinha uma coluna na Tribuna. E nela publicou uma série de previsões do astrólogo Pedro Doma Filho, inclusive um trecho que é assim: “entre 26 e 30 de julho próximo (isto é, de 1971), vai haver choro e ranger de dentes entre os investidores incautos. Neste momento, Júpiter está na constelação de Sagitário e os desprevenidos devem se agarrar aos papéis fortes, porque as coisas não serão normal”. Agora, então, ao Durval a gente não pode contratar o Pedro Doma Filho, porque não quer fazer previsões. Isto é imprevidência. Depois, você não sabe porque determinados políticos se encontram não obscuridade, ora faça-me o favor... No tocante à Bolsa, parece que ela não sabe mais, nem a poder de guindaste.

ANTÔNIO SOARES (Av. 22 de Abril, 752 — Divinópolis — MG) — “Eu sou ma-

caca de auditório do Sebastião Nery e do Oliveira Bastos desde meu tempo da Faculdade em Curitiba, quando os lia e ao Hélio Fernandes, na Tribuna da Imprensa. Tenho algumas broncas: não encontro aqui o POLITIKA para comprar. Não encontrei nem em Belo Horizonte o número 25 (podem mandar?). Terceiro, vocês não entraram num setor muito importante da política nacional: política florestal. Última coisa: um abraço a esta equipe de feras e feras nacionais”.

O Nery e o Oliveira gostaram de saber que são macaqueados, o que, afinal das contas, não é para qualquer um. Quanto ao número 25, Antônio, parece que ele simplesmente esgotou. Por isso você não o encontrou. Mas já foi, pelo correio, bastando que você mande o cheque para a gente, quando o receber. Um abraço.

ADAMASTOR FERNANDES LIMA (rua Araguari, 189 - Belo Horizonte — MG) — “Tendo necessidade de consultar o número de POLITIKA de 28 de fevereiro último, solicito seu envio. Para tanto estou mandando Cr\$ 2,00 para sua aquisição”.

O jornal já seguiu, Adamastor. E volte sempre.

CLAUDEMIR LIMA DE CARVALHO (rua Estudante Jeremias Bastos, 333 — Recife — PE) — “A carta publicada no número 27, de 24 de abril, foi enviada por mim e creio que a assinei. Contudo saiu como de Carlos Pereira de Lima. Aproveito esta oportunidade para um abraço em vocês todos. Gostaria de identificar o Guarnieri do artigo sobre a semana de arte moderna, mas não consegui até agora. Na coluna do Francisco Alexandria sai o nome de Linaldo Uchoa de Melo freqüentemente. É, com certeza, o mesmo que andou envolvido com uns casos na Caixa Econômica Federal daqui. Ele é o mais alto dirigente da organização. São ossos da riqueza repentina”.

A carta a que você se refere, Claudemir, foi publicada. O que ocorre é que também veio uma do Carlos Pereira Lima, como você pode ver junto à sua, no número 27. Um abraço e apareça sempre.

RENATO ARRUDA (rua Zeca Neves, 15 — Lages, SC) — “Peço mandarem o número 25

de POLITIKA. Se for mais de Cr\$ 5,00, mandem pelo reembolso postal”.

O exemplar já seguiu, Renato. Foi pelo correio.

PROFETA JEREMIAS (Londrina — Paraná) — “Existe um lugar escondido no norte da Itália, onde o sol aparece somente por alguns dias do ano. Durante estes dias, todo o povo da aldeia se alegra, sabendo porém que esta alegria vai durar pouco. Porque uma vez que o sol desapareça, eles têm que esperar muito tempo para ele aparecer de novo (se aparecer). O nosso jornal fabuloso, POLITIKA, é que nem este sol. E nós, infelizmente, somos que nem este povo da aldeia, alegrando-nos, por enquanto. Mas certos de que o nosso sol, que nos traz alegria (veja só o korreio) logo e logo desaparecerá, escondendo-se atrás das nuvens. Afinal, nenhuma alegria dura para muito tempo — os momentos de alegria só servem para adoçar a amargura da vida”.

Olha Profeta, é bocado bacana você achar que a gente é o seu sol. Mas, pela madrugada, não vá profetizar o fechamento do POLITIKA. Por favor. Mesmo porque a gente sempre encontra uma pilhazinha para quebrar o galho. Não é?

G. GOMES (Caixa Postal, 19 — Brasópolis — MG) — “Peço enviarem o número 25 de POLITIKA, que falta à minha coleção”.

O jornal já foi pelo correio, Gomes, não pelo reembolso como você pediu.

JOÃO BATISTA CRAMER (rua Cristóvão Colombo, 2075 — Porto Alegre — RS) — “Acredito que tudo o que se possa dizer ou escrever sobre o POLITIKA já foi dito ou escrito. Portanto, não me animo, na minha modéstia, a dizer ou escrever mais do que foi feito. Solicito apenas que me remetam, com a máxima urgência, todos os números, desde o primeiro até o último saído, pelo reembolso postal, e se vocês quiserem considerar como assinatura desde o primeiro número que estou pedindo (pois desejo uma assinatura anual) é só informar como, quanto e a quem devo remeter o devido numerário. Avante. Continuem sem medo”.

Olha, João Batista, a gente não costuma temer, se não de-

ve. E nós estamos conscientes de que tudo o que fazemos tem uma razão de ser. A questão da assinatura: sua carta foi enviada a Ponto Promoções, que providenciará. Os números atrasados seguem em separado, pelo correio. E você deverá enviar um cheque, no valor dos exemplares recebidos, para a Editora Tora Ltda. Volte sempre.

LIVRARIA E PAPELARIA JORGE CHUERI (rua 15 de Novembro, 381 — São Paulo) — “A fim de ser completada a coleção de interessado, solicito-lhes o envio de um exemplar de cada um do número 1 a 18 de POLITIKA”.

Muito bem. As livrarias descobriram a gente. Os números pedidos já foram expedidos e o cheque deverá ser endereçado à Editora Tora Ltda no valor de Cr\$ 36,00. Mas só quando os jornais aí chegarem.

SAADE HILAL (Diretor da Biblioteca do Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira — São Carlos — SP) — “O Centro Acadêmico Armando de Salles Oliveira, da Escola de

Engenharia de São Carlos, órgão representativo dos alunos, tem como intuito primordial fornecer aos seus associados os elementos necessários para o pleno desenvolvimento humanístico e social do futuro engenheiro, lacuna de um curso eminentemente técnico. Visando isso, gostaríamos de incorporar este jornal ao acervo de nossa biblioteca e outro exemplar para a confecção de um mural. Mas, devido às dificuldades financeiras, pedimos que nos enviem dois exemplares ao preço de uma assinatura. Esperamos que os senhores compreendam que nossa agremiação estudantil somente consegue sobreviver através de doações de pessoas ou instituições que realmente entendam a importância das atividades sócio-culturais”.

Está bem, pessoal. Enviamos sua carta a Ponto Promoções, que tratará do envio da assinatura. Conforme vocês querem. O negócio é divulgar as coisas ligadas à política brasileira. E vocês podem fazer isto.

ASSINE POLITIKA

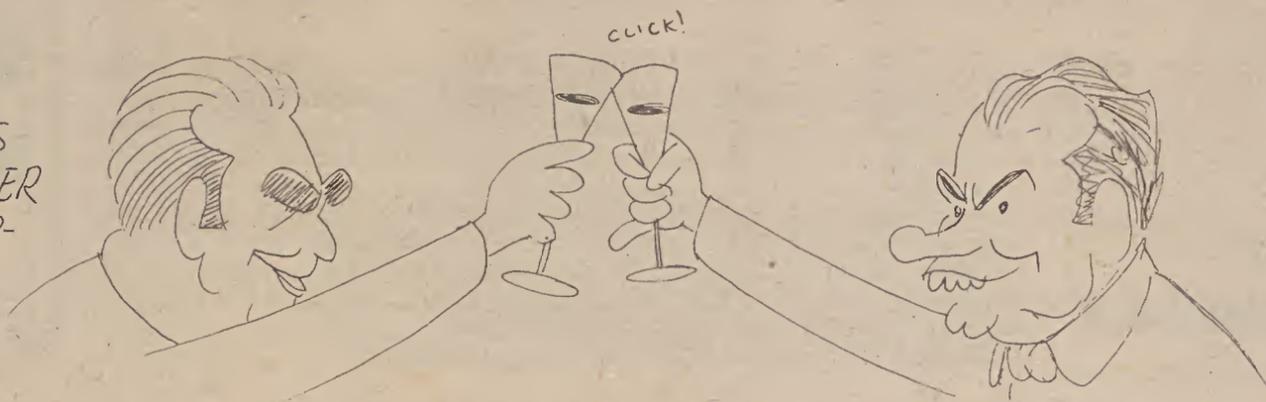
Nome:
Rua:
Bairro:
Distrito:
Município:
Estado: CEP:

Desejo ser assinante de POLITIKA por um ano. Para tanto, estou enviando, juntamente com este, Cr\$ 100,00, por meio de cheque visado pagável no Rio de Janeiro ou vale postal, emitidos em nome de PONTO PROMOÇÕES LTDA., rua Álvaro Alvim, 21 — 2o. andar — sala 205 — telefone: 232-7821 — Rio — GB.

Fritz

E O ACORDO NIXON-BREJNEV

...PARA PESQUISAS
CONTRA O CÂNCER
E DOENÇAS CAR-
DIACAS...



BLIM!
BLIM!
BLIM!

...PARA LIMITA-
ÇÃO DAS ARMAS
NUCLEARES...



PIM!

...PARA EXPLORA-
ÇÃO CONJUNTA
DO ESPAÇO...



CRASH!

... PARA AUMEN-
TO DAS RELAÇÕES
COMERCIAIS, E...



...VIETNÃ?

EDI-TORA LTDA.

Diretora
PHILOMENA GEBRAN
Direção e Redação
Av. Rio Branco, 133 - Gr. 1601
Tel.: 232-1981 - Rio - GB

Departamento Comercial
(Publicidade e Assinaturas)
EPITÁCIO CAÓ
Ponto Promoções Ltda.
Rua Álvaro Alvim, 21 - Gr. 205
Tel.: 232-7821 - Rio - GB

POLITIKA

Diretores
OLIVEIRA BASTOS
SEBASTIÃO NERY
Gerente
ENÉAS RESQUE
Editor
JORGE FRANÇA
Editor-Assistente
MURY LYDIA
Arte
ANTÔNIO CALEGARI

Ilustração
LUÍS FONSECA
Humor
FRITZ
COENTRO

Relações Públicas
WALTER PENELUC

São Paulo
PAULO PEREIRA
(Assistente da Diretoria)
Rua das Flores, 27 - Gr. 25 -
Tel.: 33-4210

Brasília e Goiânia
ANTÔNIO ITABAIANA DE MOURA
Av. W-3 Setor Comercial
Ed. Sônia - 4o. andar
Fones: 24-5376 e 24-7376

Fotos
TRIBUNA DA IMPRENSA
O JORNAL e O CRUZEIRO
Distribuição
DIJOLIR
Rua Clarisse Índio do Brasil, 30 Rio - GB
POLITIKA é composto em máquinas
eletrônicas IBM e impresso na Gráfica
Editora "Jornal do Commercio".

